

Felipe Oliveira Varela

**O TRÍPLICE ÊXODO DE JESUS NA PERSPECTIVA
TRINITÁRIA DE BRUNO FORTE**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa
Catarina para a obtenção do Grau
de Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Vitor Galdino
Feller

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da
Biblioteca Dom Afonso Nihues da FACASC

VARELA, Felipe Oliveira

O tríplice êxodo de Jesus na perspectiva trinitária de
Bruno Forte/ Felipe Oliveira Varela; orientador, Vitor Galdino
Feller- Florianópolis, SC, 2019.

77 p.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Católica de
Santa Catarina. Curso Superior de Teologia.

Inclui referências:

1. Cristologia. 2. Discípulo. 3. Trindade. 4. Tríplice
êxodo.

Felipe Oliveira Varela

**O TRÍPLICE ÊXODO DE JESUS NA PERSPECTIVA
TRINITÁRIA DE BRUNO FORTE**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 21 de agosto de 2019

Prof. Dr. Rafael Aléx Lima da Silva
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Vítor Galdino Feller
Faculdade Católica de Santa Catarina
Orientador

Prof. Dr. Rafael Aléx Lima da Silva
Faculdade Católica de Santa Catarina
Avaliador

Prof. Dr. Edson Adolfo Deretti
Faculdade Católica de Santa Catarina
Avaliador

Àqueles que ainda não vivenciaram o êxodo de si rumo à pátria trinitária.

AGRADECIMENTOS

À Trindade, fonte e origem do existir.

À minha família. Meu pai Laerte, minha mãe Terezinha e à minha irmã Maria Talita, onde posso experimentar o amor detentor de toda a força e esperança.

À Diocese de Lages, nas pessoas de Dom Guilherme Werlang e Pe. Valdir Goedert, pela confiança e abertura diante de minha vocação.

Ao Seminário Teológico Dom Honorato Piazero. Aos colegas e amigos que, diante das intempéries diárias, procuram comigo viver a comunhão.

À Faculdade Católica de Santa Catarina, na pessoa do professor Orientador Dr. Pe. Vitor Galdino Feller, pelas brilhantes percepções teológicas que me impulsionaram neste itinerário acadêmico.

Agora, portanto, permanecem fé, esperança, caridade, essas três coisas. A maior delas, porém, é a caridade.

(1Cor 13,13)

A Igreja “em saída” é a comunidade de discípulos missionários que “primeireiam”, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam.

(Papa Francisco)

RESUMO

O cristianismo em toda a sua história salvaguardou a caridade enquanto distintivo de seus adeptos. Contudo, verifica-se atualmente certo ofuscamento de tal vivência. Nesse sentido, Bruno Forte atualiza a centralidade da fé cristã a partir do itinerário de Jesus. Destarte, esta pesquisa busca compreender o tríplice êxodo de Jesus na perspectiva trinitária de Bruno Forte enquanto possibilidade de orientação para a vida do discípulo. Sendo esta pesquisa de cunho bibliográfico, inicialmente se apresenta a origem do Filho e sua saída do Pai em vista da encarnação. Posteriormente, expõe-se o êxodo do Filho de si mesmo até a cruz em vista da salvação humana. Por fim, evidencia-se a volta do Filho para o Pai, enquanto êxodo da morte para a ressurreição. Destaca-se à luz desta perspectiva, o tríplice êxodo do discípulo. Este é chamado a entregar-se ao Pai, a viver a caridade e, indubitavelmente, ser testemunha da esperança. Eis uma vivência exodal capaz de ressignificar o cotidiano eclesial.

Palavras-chave: Cristologia. Discípulo. Trindade. Tríplice êxodo.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1Cor – Primeira Epístola aos Coríntios

1Jo – Primeira Epístola de São João

2Tm – Segunda Epístola a Timóteo

Ap – Apocalipse

At – Atos dos Apóstolos

CIC – Catecismo da Igreja Católica

Dt – Deuteronômio

EG – *Evangelii Gaudium*

Fl – Epístola aos Filipenses

Gl – Epístola aos Gálatas

Gn – Gênesis

Hb – Epístola aos Hebreus

Is – Isaías

Jo – João

Lc – Lucas

LG – *Lumen Gentium*

LS – *Laudato Si'*

Lv – Levítico

Mc – Marcos

Mt – Mateus

Rm – Epístola aos Romanos

Sl – Salmos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 O SILÊNCIO ETERNO ENQUANTO MISTÉRIO DO PAI	21
1.1 DA TRINDADE ECONÔMICA À TRINDADE IMANENTE.....	21
1.2 O SILÊNCIO: PERSPECTIVAS DE DEUS PAI	25
1.3 O ÊXODO DA PALAVRA QUE SAI DO SILÊNCIO	27
1.4 MARIA, RECEPTIVIDADE DO MISTÉRIO TRINITÁRIO	31
2 A PALAVRA QUE SAI DE SI MESMA PARA ENTREGAR-SE NA CRUZ.....	35
2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DE JESUS DE NAZARÉ	35
2.2 O HOMEM DE NAZARÉ E SUA CONSCIÊNCIA	37
2.3 A RADICAL LIBERDADE DO HOMEM DEUS	41
2.4 A SAÍDA DA PALAVRA DE SI SEM RETORNO NA PERSPECTIVA TRINITÁRIA DA CRUZ	43
2.5 A PERSPECTIVA DA ENTREGA NA TRINDADE	45
3 O RETORNO DA PALAVRA PARA O PAI E O TRÍPLICE ÊXODO DO DISCÍPULO.....	49
3.1 A EXPERIÊNCIA PASCAL.....	49
3.2 A INICIATIVA DO RESSUCITADO	52
3.3 A MEMÓRIA SUSTENTADA NO ESPÍRITO	55
3.4 A IGREJA DO AMOR EXODAL	58
3.5 O TRÍPLICE ÊXODO DO DISCÍPULO	62
3.5.1 Primeiro êxodo: sair de si e abandonar-se no Pai	62
3.5.2 Segundo êxodo: sair de si e amar como o Filho	64
3.5.3 Terceiro êxodo: sair de si e abrir-se ao Espírito Santo	66
CONCLUSÃO	69
REFERÊNCIAS	73

INTRODUÇÃO

Das primeiras comunidades cristãs às atuais, houve inúmeros desdobramentos reflexivos acerca da centralidade da fé. Não obstante, este processo de autorreflexão não está distante do contexto social vigente de cada época. Neste sentido, toda reflexão teológica deve, salvaguardando a centralidade da fé, dialogar com a realidade social em que se encontra, a fim de neste processo iluminá-la.

A cristologia, área específica da Teologia, em todo o período cristão munuiu-se de inúmeros expoentes reflexivos; estes, dentro de determinados contextos, dispuseram teorias arraigadas na pessoa de Jesus Cristo. No século XX, entre alguns teólogos, destaca-se Bruno Forte, atualmente bispo da Igreja Católica na Itália. Sua reflexão teológica pressupõe uma ótica histórica, a fim de vislumbrar o mistério divino trinitário.

Num período cuja florescência dos ideais iluministas se sobrepõem à cultura ocidental, acarretando certo ofuscamento do cristianismo, Bruno Forte elabora um pensamento cristológico não com o intuito de sobrepô-lo às concepções atuais, mas aberto ao diálogo, propondo uma atualização da centralidade cristã. Desta forma, esta pesquisa debruça-se sobre o tríplice êxodo de Jesus na perspectiva trinitária de Bruno Forte.

Esta sistematização forteana procura elucidar o mistério trinitário a partir da Pessoa do Filho, na ótica da economia da salvação. Diante das contínuas transformações sociais, das atrocidades humanas acarretadas pelo egoísmo e individualismo, das guerras infundáveis, em que o outro se torna alguém sem dignidade e um inimigo a ser exterminado, esta pesquisa procura responder, considerando o tríplice êxodo de Jesus, sistematizado por Bruno Forte, como se pode superar tal realidade egoísta incrustada no cotidiano humano cristão.

Faz-se imprescindível a constante atualização do mistério trinitário, em vista de favorecer aqueles que, porventura, o conhecem de forma desfigurada por fontes equívocas, cuja pretensão geralmente é negá-lo sem tê-lo refletido. Ora, reconhece-se a dificuldade prática das comunidades cristãs em viver e salvaguardar a fé trinitária. Contudo, é necessário empenhar-se para tal façanha. Por isso, a proposta forteana de elucidar o mistério trinitário sob a ótica exodal na Pessoa do Filho se entende como indispensável na atualidade; esta é a relevância da presente reflexão.

O sentido exodal é fortemente evidenciado no Antigo Testamento. O povo de Israel vivencia o Êxodo em vista da Terra

Prometida. Esta pesquisa pressupõe tal importância, mas não se fará menção teórica à mesma.

A fim de perscrutar tal intento, esta pesquisa teve por objetivo geral compreender o tríplice êxodo de Jesus na perspectiva trinitária de Bruno Forte, enquanto possibilidade de orientação para a vida do discípulo.

No primeiro capítulo será apresentado o Silêncio Eterno enquanto mistério do Pai. Na ótica da economia da salvação, o Verbo encarnou-se e irrompeu na história humana a história divina. Sua vinda redimensionou o sentido histórico e existencial da humanidade. Eis o primeiro êxodo do Filho, a Palavra saiu do Pai, Silêncio Eterno, em vista de habitar concretamente o mundo dos homens.

Ao encarnar-se, a Palavra não procurou afirmar-se em sua divindade, mas direcionou seus ouvintes a uma realidade ulterior, à sua origem, o Silêncio, a Pessoa do Pai. Instaura-se, portanto, uma relacionalidade entre Silêncio e Palavra. O Silêncio não poderia ser ouvido se a Palavra não viesse ao mundo, e Ela, por si mesma, não poderia habitar no seio da humanidade sem uma origem.

O segundo capítulo exporá a Palavra que sai de si mesma para entregar-se na cruz. O Filho feito homem despojou-se de sua condição divina, a fim de vivenciar a trajetória histórica dos homens. Ele viveu sua total liberdade e escolheu trilhar o caminho proposto por seu Pai, em vista do anúncio do Reino, na medida em que tomou consciência de sua missão.

Na cruz, o Filho vivenciou o extremo de sua liberdade na obediência ao Pai, entregando-se, em vista da salvação da humanidade. Contudo, verifica-se na cruz o mistério da Trindade; o Filho entrega ao Pai o Espírito que dele recebeu, e na solidão do abandono expressa seu grande amor.

No último capítulo será evidenciado o retorno da Palavra para o Pai e o tríplice êxodo do discípulo. Eis o último êxodo do Filho. A volta para o Pai acontece na Ressurreição, quando recebe dele o mesmo Espírito, a fim de instaurar definitivamente o Reino no seio da humanidade. O Filho dá à comunidade humana o seu próprio Espírito para que sua presença continue atual. O Espírito é, em suma, o Amor do Pai pelo Filho e deste, na reciprocidade com o Pai, tangível na vivência fraterna da comunidade humana; ele sustenta a memória do discípulo a fim de que este viva de acordo com a vida de Jesus.

O Deus Trinitário instaura a própria Igreja, entendida não enquanto criação humana, mas mistério de comunhão, dispensadora dos sacramentos de Cristo. A Igreja é também entendida enquanto Povo de

Deus, os discípulos em comunhão a exemplo da própria comunhão trinitária. O discípulo é convidado a percorrer um tríplice êxodo, à luz do tríplice êxodo de Jesus. Neste percurso, é chamado a ser discípulo do Único Deus, a viver a caridade e ser testemunha da esperança. Portanto, estes passos parecem possibilitar compreensões atuais a fim de iluminarem a vida cotidiana do discípulo.

A metodologia desta pesquisa é bibliográfica. Tem-se consciência da vasta obra forteana, composta por vários livros. Contudo, optou-se nesta pesquisa se basear, sobretudo, em dois livros de Bruno Forte: *A essência do cristianismo* (2003) e *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história: ensaio de uma cristologia como história* (1985).

Além destes livros, utilizaram-se algumas dissertações e teses de estudiosos do pensamento forteano, bem como contribuições de outros autores, a fim de enriquecer a pesquisa.

Portanto, não se quer esgotar as considerações cristológicas de Bruno Forte. Mas, a partir de uma breve sistematização sobre o tríplice êxodo de Jesus, possibilitar uma nova perspectiva, a fim de provocar à comunidade teológica uma reflexão que implica no agir diário do discípulo, nas intempéries da vida, sob a guarda de um sentido último, revelado por Jesus Cristo.

1 O SILÊNCIO ETERNO ENQUANTO MISTÉRIO DO PAI

Através da economia da salvação pode-se ter acesso ao mistério divino. A Palavra é o meio pelo qual se pode chegar às origens de toda a criação. Ela, encarnando-se no seio da humanidade através do Espírito, quis que o ser humano conhecesse sua origem, a Pessoa do Pai, o Silêncio. Portanto, a partir dele e com o Espírito, a Palavra torna possível à humanidade o conhecimento do mistério trinitário.

Ora, para tal manifestação a Palavra percorreu um itinerário, segundo Bruno Forte¹, um tríplice êxodo. Estas três saídas manifestam o amor trinitário à humanidade através do Filho. No mistério da Trindade, a Palavra irrompe na história da humanidade, a fim de ressignificá-la, tornando possível a salvação a todos aqueles que escutarem as profundezas contidas na Palavra que se refere ao Pai.

Portanto, o primeiro êxodo faz menção à primeira saída da Palavra, a fim de tornar-se humana, através da carne da humilde Maria de Nazaré pela ação do Espírito. A Palavra não é simples aparecimento da divindade sob forma humana, mas, indubitavelmente encarnação, assumindo totalmente esta realidade, menos o pecado.

1.1 DA TRINDADE ECONÔMICA À TRINDADE IMANENTE

O pensamento teológico de Bruno Forte possui como pressuposto a reflexão sobre a Trindade. Neste sentido, qualquer indagação no seu pensamento necessariamente precisa evocar sua perspectiva trinitária.

Segundo o autor, deve-se considerar uma crise cristã em relação à ideia trinitária. A fé cristã que crê na Trindade, nem sempre tem consciência da mesma. A figura de Deus, às vezes, para alguns cristãos,

¹ Nasceu em Nápoles no dia 1º de agosto de 1949. Foi ordenado sacerdote no dia 18 de abril de 1973; doutorou-se em Teologia em 1974; posteriormente aprofundou-se em Filosofia. Trabalhou em várias paróquias na Arquidiocese de Nápoles antes de ser eleito Arcebispo da Arquidiocese de Chieti-Vasto, Itália. (ARCIVESCOVO. S.E. Rev.ma Mons. Bruno Forte. Disponível em: <encurtador.com.br/bJRW6>. Acesso em: 05 mar. de 2019. Não paginado). Além disso, renomado teólogo em âmbito internacional; foi professor de Teologia Dogmática na Pontifícia Faculdade Teológica da Itália Meridional. Também foi membro da Pontifícia Comissão Teológica Internacional, autor de vários livros, traduzidos em várias línguas (FORTE, Bruno. **Nos caminhos do uno: metafísica e teologia**. Trad. Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas. 2005. Capa).

é confusa e sem precisão.² Forte vê em Rahner esta mesma preocupação, levantada já no contexto do Concílio Vaticano II. A prática cristã não pressupõe uma percepção prévia da Trindade e, se porventura, se dissesse herética a ideia trinitária pouco se mudaria na teologia ou mesmo na liturgia.³ Portanto, Forte indaga se seria cristão o Deus dos cristãos, no sentido de que se perdeu com o decorrer do tempo uma percepção mais apurada acerca do Deus Trino.⁴

Segundo Burocchi, o dogma da Santíssima Trindade elaborado a partir das categorias da filosofia grega, permaneceu até os dias atuais engessado e teve pouca incidência na vida e organização da Igreja, de tal forma que acarretou um modelo monárquico.⁵

Esse distanciamento da compreensão trinitária, sobretudo na práxis, acarretou um exílio da Trindade. Para Forte, este monoteísmo prático de muitos cristãos decorreu do complexo contato do mundo cristão com outras culturas, desde a judaica à greco-helênica. Houve à fé cristã o desafio de salvaguardar a divindade de Deus, enquanto escândalo cristológico e trinitário, diante das culturas evangelizadas.⁶

Nesta perspectiva, a superação do exílio trinitário possivelmente decorrerá da volta à história da revelação, à manifestação de Deus na história. Por isso, Forte refletirá, munindo-se do pensamento de Karl Rahner, a Trindade nas categorias de imanência e economia. Segundo Rahner, “A Trindade da economia da salvação é a Trindade imanente”.⁷

Para Rahner, a Trindade é mistério de salvação. Este mistério vem encontrar-se com a humanidade; por isso, não é um mistério lógico, mas antes de salvação; e, quando se parte do nível da economia, percebe-se que Deus age em favor do ser humano e, no nível da imanência, age em sua vida eterna e em perfeita comunhão entre as

² FORTE, Bruno. **A Trindade como história**. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 11.

³ OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. **O amante, o amado e o amor**: breves reflexões sobre o Deus de Jesus. São Paulo: Paulus, 2017. p. 6.

⁴ ROSA, Clésio U. da. A Trindade na perspectiva da história da salvação. **Revista Caminhando**. São Paulo, v. 3, n. 2, p. 53-62, 2010. p. 55. Disponível em: <encurtador.com.br/iltNQ>. Acesso em: 14 mar. 2019.

⁵ BUROCCHI- Aurea Marin. Deus Trindade. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 10, n. 26, p. 522-537, abr./jun. 2012. p. 523.

⁶ FORTE, 1987, p. 13.

⁷ RAHNER, Karl. **O dogma repensado**. São Paulo: Paulinas, 1970. p. 232.

Pessoas divinas. Portanto, a partir da ótica de Rahner, a vida divina e seu mistério fazem morada na história humana, na vida humana.⁸

Na percepção forteana, entendem-se as duas categorias desta forma:

A Trindade como é em si (“imane”) se dá a conhecer na Trindade como é para nós (“econômica”): um e o mesmo é o Deus em si e o Deus que se revela, o Pai pelo Filho no Espírito Santo. Essa correspondência se funda no próprio mistério da fidelidade divina: A Trindade na história manifesta a Trindade na glória, porque aquele que é “fiel e não pode renegar-se a si mesmo” (2Tm 2,13),⁹ não pode enganar-nos quando se revela a nós.

Diante disso, Forte afirma que o encontro com os acontecimentos da revelação, testemunhados pela tradição eclesial, sob a ação do Espírito Santo, propicia um encontro com o próprio mistério divino. Refletir a revelação da Trindade é adentrar na história eterna do amor divino; se assim não fosse, se a revelação não propiciasse a proximidade com Deus, não se poderia penetrar em espírito e verdade nas profundezas da vida trinitária.¹⁰

Ora, se a Trindade imane não correspondesse à Trindade econômica, a salvação não seria possível na história humana. Sem dúvida a humanidade estaria sem perspectiva de salvação, porque estaria relegada à esfera humana. Por isso, é necessário evidenciar a veracidade da Trindade imane diante da economia trinitária, em vista da salvação humana.¹¹

Afirma Forte: “a economia não pode exaurir a profundidade de Deus: a história não pode, nem deve, aprisionar a glória”.¹² Nesta compreensão, segundo Burocchi, Forte não considera a afirmação de Rahner, “[...] a Trindade da economia da salvação é a Trindade

⁸ BINGEMER, Maria C. L. Um Deus para ser amado: algumas reflexões sobre a doutrina trinitária em Karl Rahner. **Perspectiva Teológica**. Belo Horizonte, n. 98, p. 125-141, jan./abril. p. 127.

⁹ FORTE, 1987, p. 16.

¹⁰ FORTE, 1987, p. 17.

¹¹ FORTE, 1989, p. 17.

¹² FORTE, 1987, p. 19.

imane e vice-versa”¹³, porque corre-se o risco de reduzir o divino no plano puramente mundano.¹⁴

Segundo Rahner, o Deus revelado em Jesus Cristo comunica-se na história salvífica. Conhece-se o Pai através das missões do Filho encarnado e do Espírito. Assim se pode fazer a experiência do Deus Trindade. Neste sentido, a partir da história da salvação, o modo como as Pessoas divinas se relacionam na história há de ser também o modo como elas se relacionam entre si. Contudo, como afirma Machado, seu axioma, entretanto, parece tender à redução do mistério divino à revelação puramente histórica.¹⁵

Pois o que é comunicado é precisamente o Deus pessoal e trinitário, e esta comunicação (feita à criatura em virtude de uma graça livre), se ela produz livremente, não pode produzir-se senão seguindo a maneira intradivina das duas comunicações da essência divina que faz o Pai ao Filho e ao Espírito; pois outra forma de comunicação não poderia em absoluto dar o que é aqui dado, a saber, as Pessoas divinas, visto que estas não são outra coisa que sua maneira própria de se comunicar.¹⁶

Bruno Forte procura assegurar a veracidade da revelação que se dá na história. Mas, como afirma Burocchi, o autor salvaguarda a transcendência de Deus em si em relação à revelação. Por isso, a Trindade em si é mais que a Trindade econômica, mesmo que Ela livremente tenha se comunicado à humanidade. A Trindade econômica não pode esgotar totalmente a Trindade imanente, mas, tal consciência não diminui a veracidade e seguridade desta via; apenas evidencia a humildade reflexiva diante da mesma.¹⁷

¹³ RAHNER, 1970, p. 231.

¹⁴ BUROCCHI, 2011, p. 141.

¹⁵ MACHADO, Renato da Silva. O ser humano e o mistério amoroso de Deus: a contribuição de Karl Rahner para a reflexão hodierna sobre a experiência de Deus. **Revista de Cultura Teológica**. São Paulo. n 81, p. 115-131, jan/jun. 2013. p. 126.

¹⁶ RAHNER, 1970, p. 243.

¹⁷ BUROCCHI, Aurea M. **Ética e estética na teologia trinitária de Bruno Forte**. 323 p. Tese (Doutorado) – Departamento de Teologia, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2011. p. 141.

A revelação é um ato próprio de Deus, mas não esgota as suas profundezas. Se se quisesse sustentar a ideia de que o Deus trinitário se revelou totalmente, que a Trindade econômica esgotou inteiramente a imanente, facilmente se cairia num horizonte puramente humano, pois relegaria o mistério último e central da Trindade à realidade puramente humana.¹⁸

Bruno Forte assegura que Deus é sempre maior que a capacidade de compreensão, supera infinitamente o horizonte humano, mesmo quando diante da gratuidade advinda de sua liberdade, e, portanto, por amor, entrou na história, comunicando-se ao coração humano.¹⁹

Contudo, consciente das limitações de toda reflexão acerca da Trindade, Bruno Forte mune-se do entendimento da economia da salvação e, a partir da revelação, procura, através de elementos compreensíveis à atualidade, rerepresentar o mesmo dogma trinitário já estabelecido desde a Patrística. Conforme afirma Burocchi, o teólogo italiano quer proporcionar àqueles que se dispõem ao diálogo e à dúvida, um encontro com o Deus trinitário.²⁰

1.2 O SILÊNCIO: PERSPECTIVAS DE DEUS PAI

Diferente dos homens, que geralmente podem ser pais, o Silêncio, enquanto primeira pessoa da Trindade é essencialmente Pai. O humano que é pai, é filho de um pai e, por isso, gerado; além disso, vivencia relações laterais de irmandade.²¹

Quanto à geração da vida, depende-se de uma mulher, pois por si só não gera. Além disso, às vezes, pode-se livremente negar sua própria geração, assassinando seus próprios filhos. Neste sentido, esta categoria não é absoluta na realidade humana, o homem pode vir a ser pai, mas o é por delegação divina. Portanto, o homem se torna pai, mas Deus é Pai, e não pode deixar de sê-lo.²²

Este Pai essencial é, dentro do conhecimento da fé revelada, apresentado pela Palavra. Ela, introduzida na história, através do Espírito, remete-se a sua origem, o Pai, o Silêncio. Na perspectiva da fé,

¹⁸ FORTE, Bruno. **Trindade para ateus**. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 33.

¹⁹ FORTE, 1998, p. 33.

²⁰ BUROCCHI, 2012, p. 523.

²¹ DURRWELL, François-Xavier. **O Pai: Deus em seu mistério**. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 28.

²² DURRWELL, 1990, p. 28.

só através dela se pode chegar ao Silêncio. A fé brota da escuta, e só através da revelação pode-se escutá-la. Contudo, a escuta profunda leva o ouvinte para além da Palavra imediatamente ouvida, chegando a sua origem, o Silêncio.²³

Conforme afirma Vanassi, esta escuta atenta é a obediência da fé; obedece-se a Palavra quando ela é “superada”, a fim de propiciar a escuta da realidade ulterior a ela. Cabe, além disso, perceber que este acolhimento e escuta correspondem a um processo dinâmico, e deve continuamente transcender-se.²⁴

Ou seja, há e permanece, para além da Palavra, alguém, um divino Silêncio. Este é, antes de tudo, a Não-Palavra, a ulterioridade da qual ela vem e junto da qual ela foi e é na eterna história de Deus.²⁵

Ademais, o Pai, entendido enquanto a Não-Palavra é o Deus apresentado no Novo Testamento, identificado enquanto Pai de Jesus Cristo. A Palavra, o Filho, é Aquele que, existindo eternamente no Pai, porque por Ele foi gerado, fez-se carne na história pela ação do Espírito. Portanto, a Palavra remete ao Silêncio da origem, à realidade profunda da qual procede e junto da qual eternamente é realidade divina. Cabe salientar que a vinda da Palavra ao mundo conforme a vontade do Pai deu-se através do Espírito. É ele que, na perspectiva econômica da salvação, age e instaura concretamente a partir da encarnação do Filho, a manifestação divina na história.²⁶

Neste sentido, esse ouvir além é ouvir a origem da Palavra, o próprio Silêncio; portanto, o Filho remete ao Pai. A Palavra torna-se mediação à outra margem, mas sem tal mediação não haveria tal acesso. Faz-se necessário considerar a continuidade e a diferença entre estas duas margens. Inicialmente, se não houvesse continuidade a Palavra seria vazia e o Silêncio inacessível, mas, sob outro ponto de vista, caso não houvesse uma diferenciação (que não compromete a essencialidade), o Silêncio se diluiria na Palavra.²⁷

²³ FORTE, Bruno. **Teologia da história**: ensaio sobre a revelação, o início e a consumação. São Paulo: Paulus, 1995. p. 63.

²⁴ VANASSI, Volnei J. **Êxodo e advento**: encontro de alteridades na teologia de Bruno Forte. 144 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. p. 63.

²⁵ FORTE, 1998, p. 34.

²⁶ FORTE, 1998, p. 35.

²⁷ FORTE, 1995, p. 64.

A ideia de continuidade e descontinuidade, como afirma Vian, é articulada por Forte através de três vias; a negativa, a positiva e a dialética. A primeira, considerada negativa, ressalta a diferença entre o Silêncio e a Palavra. Ora, ao manifestar-se, a Palavra torna-se visível e palpável, contudo, o Silêncio permanece oculto, distante, não que esteja ausente, mas é distinto.²⁸ Segundo Forte, “este negar, entretanto, não é afirmação do nada: o não-dito mais além do que foi dito é o Não-Gerado mais além do Gerado, o Pai mais além do Filho”.²⁹

Em contrapartida, a via positiva procura afirmar a continuidade entre o Silêncio e a Palavra; o Pai manifesta-se através do Filho, na reciprocidade do amor, e este amor se manifesta entre ambos. Contudo, é necessário precaver-se de possíveis equívocos nesta perspectiva, haja vista que podem ser esquecidas particularidades de cada uma das partes. Diante desta possibilidade, o teólogo italiano sustenta a via dialética:³⁰

A via dialética reassumiu e superou as outras duas, porque reconheceu entre Palavra e Silêncio uma continuidade e uma distinção, um tipo de eminência do Silêncio sobre a Palavra, enquanto origem e destino e da Palavra sobre o Silêncio enquanto Verbo da comunicação e da participação da vida divina junto aos homens.³¹

Portanto, pensar a Trindade pressupõe pensar uma unidade, sem que haja uma confusão ou diluição de uma Pessoa em relação à outra. O Pai, o Filho e o Espírito são um único Deus, o Deus amoroso.

1.3 O ÊXODO DA PALAVRA QUE SAI DO SILÊNCIO

Jesus é o próprio êxodo de Deus em si mesmo por amor à humanidade, aquele que, sendo eterno, encarnou-se no seio da história humana pelo Espírito e, dessa forma, possibilitou o acesso ao mistério trinitário. O próprio testemunho bíblico apresenta um Deus em êxodo de

²⁸ VIAN, Ludinei M. **O silêncio de Deus diante do sofrimento humano na teologia de Bruno Forte**. 108 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014. p. 32.

²⁹ FORTE, 1995, p. 67.

³⁰ VIAN, 2014, p. 34.

³¹ FORTE, Bruno apud VIAN, 2014, p. 34.

si mesmo, intencionado a abrir o caminho ao seu povo rumo à pátria eterna.³² “[...] abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz”.³³ Mas, mesmo revelando-se, há um processo de velamento, haja vista que Ele está sempre além de qualquer percepção humana.

[...] No Verbo Encarnado, o manifestar-se da Ausência e o retrair-se da Presença acontecem a partir de Deus. É por Deus ter se revelado ocultando-se que o teólogo da revelação ousa falar do seu Silêncio. É por existir a Palavra do evento Cristo que se tornou possível aproximarmo-nos com cautela e modéstia do silencioso Início. É dentro do clima da analogia do advento que, falando do Silêncio, podemos escutar o Silêncio [...].³⁴

Se se considera que a Palavra revelada é o Senhor que se fez servo, da mesma forma, o Silêncio que a originou encontra-se no mesmo plano da soberania divina, além de qualquer delimitação temporal. Neste sentido, o Filho eterno remete ao eterno Pai; o divino gerado remete ao Gerador divino. O Silêncio, portanto, é a pessoa divina consubstancial ao Filho: a Palavra e o Silêncio são no mesmo plano do ser eterno.³⁵

A Palavra apresenta-se como puro acolhimento do Amor eterno. O Filho, o Amado, torna possível no tempo o acolhimento do amor infinito. Já o Silêncio apresenta-se enquanto a própria fonte pura de amor, a origem pura e totalmente gratuita de todo amor.³⁶ O Pai é aquele que, por amor, sofre por suas criaturas, é humilde, compassivo, e livremente paga o preço supremo do amor. Contudo, ao referir-se ao sofrimento de Deus, deve-se entendê-lo não sob uma percepção passiva, débil, limitada, mas um sofrimento ativo, aceito por amor. Portanto, o amor do Silêncio é ágape.³⁷

³² FORTE, Bruno. **A essência do cristianismo**. Trad. Ephraim Alvez. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. p. 49.

³³ BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002; Fl 2,8.

³⁴ FORTE, 1995, p. 65.

³⁵ FORTE, 1995, p. 68.

³⁶ FORTE, 1995, p. 70.

³⁷ MEIRA, Cláudia F. D. **A ética da transcendência na teologia de Bruno Forte**. 84 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em

Deus, o Pai de Jesus, Ele é quem começou uma vez e para sempre amar e que nunca cansou de começar a amar: é o Pai Onipotente no amor [...] O Pai é o eterno Amante, aquele a quem pertence absolutamente a iniciativa do amor [...].³⁸

Como afirma Burocchi, Forte faz uso da terminologia agostiniana referente à Trindade: o Pai é o Amante, o Filho é o Amado, e o Espírito Santo é o Amor. Por isso, o Filho é aquele que livremente acolhe o amor paternal, aceitando sem reservas trilhar o caminho do amor.³⁹ Ademais, nesta perspectiva do amor, afirma Meira: “A Trindade representa o encontro e amor eterno das Pessoas divinas, que diferentes umas das Outras, unas no Amor, saem de si e vão ao encontro/comunhão das Outras e dos outros”.⁴⁰

A ideia de paternidade está correlacionada com a de filiação. Por isso, indica a relação de geração entre o Pai e o Filho, ao mesmo tempo em que os distingue. Mas, sabendo que a Palavra é originada pelo Silêncio e que habita nele, deve-se, da mesma forma, evidenciar que ele também habita na Palavra. Esta não somente está envolta pelo Silêncio, mas o carrega intrinsecamente em si.⁴¹

Forte alerta a possibilidade de se confundir as Pessoas do Pai e do Filho. Segundo ele, a unidade entre Pai e Filho não elimina a distinção entre Eles. Por isso, o Silêncio originário permanecerá distinto da Palavra pronunciada na eternidade e que fez morada na limitação temporal da humanidade. Aquele que gera não é gerado, o Silêncio não é a Palavra. Então, a distinção entre ambos encontra-se na relacionalidade, há uma necessária reciprocidade, se a Palavra não fosse proveniente da Eternidade, seria um evento meramente histórico, e não

Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. p. 40.

³⁸ Dio, il Padre di Gesù, è Colui che ha cominciato una volta e per sempre ad amare e che non è mai stanco di cominciare ad amare: è il Padre onnipotente nell'amore [...] Il Padre é l'eterno Amante, Colui cui appartiene in assoluto l'iniziativa dell'amore [...]. (FORTE, Bruno. **Piccola introduzione alla fede**. Milano: Paoline, 1992. p. 29) (Tradução nossa).

³⁹ BUROCCHI, 2011, p. 145.

⁴⁰ MEIRA, 2011, p. 46.

⁴¹ FORTE, 1995, p. 71-72.

manifestação divina. Mas, se ela não viesse ao mundo, o Silêncio paternal continuaria inacessível, sem voz.⁴²

Portanto, ao Pai pertencem as suas propriedades, comuns à sua Pessoa. A paternidade divina pressupõe uma filiação, também divina. Ora, se há um Pai e há um Filho, logo há uma distinção no que se refere à relacionalidade. O Filho, neste ângulo, não é Pai, mas na relacionalidade perfeita é, com Ele e com o Espírito, um único ser divino.

Ademais, o prólogo de João evidencia radicalmente a profundidade do êxodo da Palavra do Pai:

No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito. O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens; e a luz brilhava nas trevas, mas as trevas não a apreenderam. [...] E o Verbo se fez carne e habitou entre nós; e nós vimos sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade.⁴³

Agostinho de Hipona já expusera a necessidade da clareza acerca da ideia de consubstancialidade. Segundo ele, o evangelista João além de salvaguardar a divindade do Verbo que é Deus, apresenta-o consubstancial ao Pai. Parte-se do pressuposto de que o Filho não foi criado, porque por ele tudo foi criado. Ora, se ele fosse reduzido à criatura não seria consubstancial porque, ou se é criatura, ou se é Deus.⁴⁴

Segundo Forte, à luz do prólogo, evidencia-se uma relação paradoxal entre o Verbo (*ho logos*) e a carne (*sarx*). A primeira refere-se à Palavra, a qual estava no princípio com Deus e era Deus. Tal afirmação exprime, inicialmente, a ideia de que há uma distinção entre a Palavra e Deus, porque esta estava com Deus; posteriormente, vê-se a ideia de que há uma equiparação, igualdade no plano divino entre ambos, porque a Palavra era Deus.⁴⁵

⁴² FORTE, 1995, p. 72.

⁴³ Jo 1,1-5.14.

⁴⁴ AGOSTINHO DE HIPONA. **A Trindade**. Trad. Agustino Belmonte. São Paulo: Paulus, 2014. p. 34; De Trinitate I,9.

⁴⁵ FORTE, 1995, p. 105.

Portanto, essa relação paradoxal entre o Verbo e a Carne, encontrada na definição do Concílio de Calcedônia,⁴⁶ sustenta as duas naturezas do Filho.⁴⁷

O Filho amado é enviado pelo Pai através do Espírito, e é através do êxodo do Filho que se torna possível perceber as propriedades de cada Pessoa da Trindade. A novidade advinda do primeiro êxodo vai muito além das expectativas da história e da cultura do povo de Israel e, indubitavelmente, abrange uma perspectiva além da cronologia.⁴⁸

A Palavra, que é o Filho eterno, possui não apenas a natureza divina, mas, por sua encarnação, tornou-se também humano e, por isso, possuidor de duas naturezas. Contudo, esta relação entre as naturezas não pode pressupor uma mistura e confusão entre elas, tendo em vista que, caso isso acontecesse, a assimetria entre céu e terra seria dissolvida e não haveria dissemelhança entre tais realidades.⁴⁹ Ademais, é em Maria, a serva fiel, que enfim se poderá verificar o processo existencial do Filho encarnado através do Espírito do Pai.

1.4 MARIA, RECEPTIVIDADE DO MISTÉRIO TRINITÁRIO

Segundo Santo Atanásio, o Verbo encarnou-se por amor às criaturas humanas, para salvar a humanidade, que havia se sujeitado à maldade, restando-lhe apenas a morte. Atanásio insiste que o Verbo não apenas quis estar num corpo ou simplesmente aparecer nele, mas que,

⁴⁶ Este foi o quarto grande Concílio, em 451, na cidade de Calcedônia. Condenou-se o monofisismo, doutrina que não pressupunha as duas naturezas de Jesus. Segundo ela, a natureza humana se diluiria na divina. Por isso, neste Concílio aprovou-se a ideia de que no Filho é uma só Pessoa (divina) em duas naturezas (divina e humana), não havendo confusão nem mistura entre elas (BESEN, José Artulino. **História da Igreja**: da idade apostólica aos nossos tempos. 2. ed. Florianópolis: Mundo e Missão, 2012. p. 51). Nesta perspectiva, segundo Sesboüé: “O Cristo é assim duplamente consubstancial, a Deus de um lado e aos homens de outro [...]. Uma dupla geração do Verbo, a primeira eterna, a segunda temporal, é o fundamento desta dupla consubstancialidade. Mas [...] essa distinção não divide Cristo em dois seres” (SESBOÜÉ, Bernard; WOLINSKI, Joseph. **História dos dogmas**: o Deus da salvação, a tradição, a regra de fé e os símbolos, a economia da salvação, o desenvolvimento dos dogmas trinitário e cristológico. São Paulo: Loyola, 2002. v. 1, p. 348).

⁴⁷ BUROCCHI, 2012, p. 531.

⁴⁸ BUROCCHI, 2011, 159.

⁴⁹ FORTE, 1995, p. 108.

mesmo podendo vir dessa forma, quis assumir um corpo como os seres humanos, tornando-se um deles. A encarnação deu-se através de Maria, uma virgem sem pecado.⁵⁰

Ela foi uma jovem mulher da terra de Israel que na sua simplicidade e concretude, vivenciou uma experiência extraordinária, receber e gerar em seu corpo o Verbo de Deus. Portanto, assim como seu Filho, não é um mito ou mera abstração.⁵¹ Lucas salvaguarda a historicidade e concretude de Maria: “[...] o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão chamado José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria”.⁵²

Conforme apresenta Forte, ela foi uma mulher crente. Familiarizada com a linguagem das Escrituras, observa-a com zelo, como apresenta a narrativa lucana (2,22-24), que a mostra levando o seu filho recém-nascido no Templo, a fim de celebrar a purificação ritual. Além disso, sua espiritualidade é a da escuta obediente ao único Deus; ela acolhe a Palavra do Senhor em sua vida e a medita sem cessar.⁵³ “Maria, contudo, conservava cuidadosamente todos esses acontecimentos e os meditava em seu coração”.⁵⁴

Segundo Corbellini, para Gregório de Nissa, o Verbo é concebido sem vestígio do mal, ou seja, imaculado. Por isso Maria é também imaculada, porque está associada ao mistério imaculado do Verbo. Deus quis que ela fosse um instrumento para a salvação humana. Nela vê-se a

⁵⁰ ATANÁSIO DE ALEXANDRIA. **A encarnação do Verbo**. Trad. Orlando Tiago L. R. Mendes. São Paulo: Paulus, 2002. p. 116-202. p. cit. 134; De incarnatione Verbi Dei II,8,3.

⁵¹ FORTE, Bruno. **Maria, a mulher ícone do mistério**. Trad. Belôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 144-145.

⁵² Lc 1,26-27.

⁵³ FORTE, Bruno. **Maria di Nazaret: vergine, madre e sposa**. 2012. Disponível em: <encurtador.com.br/nqAR1>. Acesso em: 10 jun. 2019. (Bruno Forte, enquanto Arcebispo de Chieti-Vasto, Itália, escreve frequentemente pequenos documentos e cartas pastorais, disponibilizadas de forma *on-line* no site de sua Arquidiocese. Optou-se utilizá-las porque sem deixar de salvaguardar grande teor teológico, permitem reflexões atuais pertinentes à pesquisa em questão).

⁵⁴ Lc 2,19.

maravilha do Deus que se rebaixa e habita no seio frágil e limitado de uma simples mulher.⁵⁵

Forte ao referir-se a ela, usa a expressão o “Todo no fragmento”. O Todo se refere ao divino, à Trindade, cujo mistério faz morada, através da Palavra encarnada, no fragmento, na fragilidade de uma mulher. O Deus eterno quis habitar por meio do Espírito, através da Pessoa do Filho, no ventre virginal de Maria. Neste sentido, ela tornou-se ícone⁵⁶ do próprio mistério da Trindade, porque é imagem da obra de Deus em favor da humanidade bem como da própria resposta humana diante de Deus.⁵⁷

Segundo Forte:

Esta mulher de carne e osso foi lugar da vinda de Deus na carne do mundo, sem perder nada de sua feminilidade. Maria não é um caso do universal, é ao contrário a “Virgo singularis”, a mulher irrepetível na sua historicidade, a pessoa de concreta e intensa feminilidade que o Eterno elegeu para a revelação do Mistério.⁵⁸

Ademais, ela possui uma estrita relação com a Trindade. As três Pessoas trinitárias relacionam-se com ela através de suas três atribuições, Virgem-Mãe-Esposa. Enquanto Virgem, diante do Pai, Maria é ícone daquele que é puro receber, o Verbo que saiu do Silêncio. Enquanto Mãe do Verbo, ela é ícone materno daquele que é puro amor, que sempre toma a iniciativa do amor, do Amante, a Pessoa do Pai. Enquanto lugar da aliança entre céu e terra, Maria é a Esposa que se refere à comunhão entre o Pai e o Filho e destes com o mundo, por isso ícone do próprio Espírito que é vínculo eterno. Portanto, Maria, enquanto simples serva, torna-se ícone do mistério trinitário de amor.⁵⁹

⁵⁵ CORBELLINI, Vital. A importância da Encarnação do Verbo em São Gregório de Nissa. **Cadernos Patrísticos**, Florianópolis: Itesc, v.5, n.9, p.101-112, 2010. p. 104.

⁵⁶ “A Virgem Mãe é ícone porque nela se oferece o duplo movimento que todo ícone tende a transmitir: o de descida e o de subida, a antropologia de Deus e a teologia do homem” (FORTE, 1991, p. 147).

⁵⁷ FORTE, 1991, p. 5.

⁵⁸ FORTE, 2003, p. 159.

⁵⁹ FORTE, 1991, p. 150-151.

Ela foi escolhida dentre todas as mulheres a fim de, plasmada pela graça do Espírito, tornar-se a Mãe da Palavra eterna, que nela se fez Palavra terrena; Maria é meio para o êxodo Palavra, originada do Silêncio. Ela, portanto, diante do silêncio da sua existência feminina, é acolhido pelo Eterno, a fim de fazer ressoar a sua Palavra na carne da humanidade. O silêncio dessa mulher permite à Palavra espaço para pronunciar e anunciar sua origem.⁶⁰

Portanto, depois de apresentado este primeiro êxodo da Palavra verifica-se a grandiosidade do mistério divino que sai de si mesmo em vista da humanidade. Todo movimento trinitário, na perspectiva da economia trinitária é em vista da salvação humana. O Deus trinitário faz-se itinerante para chegar às realidades mais extremas da história humana para que toda e qualquer realidade possa, diante do mistério, perceber-se importante e capaz de, pelo Filho, adentrar na Pátria celeste.

A Palavra divina, encarnada no seio virginal de Maria pela ação do Espírito, torna-se humana, realidade frágil. Contudo, diante do seu processo histórico se remeterá continuamente à sua origem, e, na medida em que processualmente vê-se como Filho de Deus, abdicará de toda a sua liberdade em vista do amor ao Pai e à humanidade. Por isso, na cruz verifica-se o ápice do segundo êxodo da Palavra, a saída de si mesmo sem retorno.

⁶⁰ FORTE, 1991, p. 164-165.

2 A PALAVRA QUE SAI DE SI MESMA PARA ENTREGAR-SE NA CRUZ

Da geração eterna à geração terrena da Palavra, evidencia-se um itinerário de amor. A Palavra sai do Silêncio e, de certa forma, revela-o, sem desvendá-lo. Este primeiro êxodo, portanto, elucida o início do Mistério Pascal. A Palavra, ao encarnar-se, não abdica de sua essência divina, mas assume a essência humana através de Maria.

Neste sentido, o desenrolar da vivência histórica da Palavra, a vida do Nazareno, à luz dos evangelhos, evidencia uma existência concreta. Jesus percorreu um itinerário de liberdade, assumindo sua existência com radicalidade. Ele saiu processualmente de si, entregando ao Pai sua vida em favor da salvação da humanidade. Este segundo êxodo que evidencia sua morte permite refletir não só sobre a Pessoa do Filho, mas ao seu lado, o Pai e o Espírito Santo. O mistério trinitário se revela na cruz.

2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DE JESUS DE NAZARÉ

A história de Jesus desenvolve-se entre 7-6 a. C e 30 d. C. Sua cidade de origem é Nazaré, dentro do território da Galileia, sob o império de Augusto. Esta região era semi-pagã e por isso desprezada pelos israelitas puros. Sua família era hebreia, cuja língua falada era o aramaico galileu. Jesus conhecia possivelmente o antigo hebraico, necessário para a leitura das Sagradas Escrituras.⁶¹

O nome de sua mãe é Maria, uma jovem galileia, prometida a José, que exercia a carpintaria; Jesus, por estar aos seus cuidados, provavelmente também exerceu tal ofício. Conforme lembra Forte, no início da vida pública de Jesus, segundo os evangelhos, houve resistências e incompreensões, sobretudo da parte dos parentes, diante de suas atitudes.⁶²

Jesus foi batizado por João e iniciou sua vida pública aos 30 anos (Lc 3,21-23). Foi crucificado pela acusação de ser um agitador político e

⁶¹ FORTE, Bruno. **Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história:** ensaio de uma cristologia como história. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 207.

⁶² FORTE, 1985, p. 207.

religioso, sob o poder de Pôncio Pilatos. Sabe-se, contudo, que este homem viveu em prol dos outros, fazendo sempre o bem (At 10,38).⁶³

Ademais, a intenção dos evangelistas não é escrever uma biografia apurada de Jesus, mas, à luz da fé, interpretar episódios históricos deste homem, a fim de transmiti-los às comunidades de fé. Dentro destes limites, é objetivo, porém, a centralidade da pregação do jovem de Nazaré: o anúncio do Reino de Deus (Mc 1,15; Mt 3,2; 4,17; Lc 10,11). Tal anúncio revela magistral autoridade.⁶⁴

Como afirma Machado, o anúncio do Reino feito por Jesus não adequa-se àquele dos fariseus, cuja ideia de Reino era a plena realização da Lei. Distancia-se também da concepção dos zelotes, que esperavam uma instauração política pela força armada; bem como dos apocalípticos, que criam na destruição da realidade presente e criação de novos céus e terras. Diferente também da concepção do próprio Batista, que expunha em seus anúncios, de forma ameaçadora, o julgamento divino.⁶⁵

Segundo Forte, assim pode-se verificar o anúncio de Jesus:

Jesus anuncia a soberania de Deus com possibilidade próxima e definitiva de salvação, que é oferecida através de sua palavra e de sua ação, e que deve ser acolhida com a conversão do coração: “Convertei-vos, porque o Reino de Deus está próximo” (Mt 4,17).⁶⁶

Para Jesus, o Reino é obra de Deus Pai. Neste sentido, é dom que vem do alto e que pode ser acolhido pelo ser humano através de uma abertura de todo o ser. Na pessoa de Jesus, o Reino de salvação é apresentado. Há, portanto, uma identificação entre o Reino e a própria pessoa de Jesus. Através do homem Jesus, a salvação entra na história humana, e o Reino é de certa forma inaugurado, mesmo que este não possa ser objetivamente identificado com a história presente.⁶⁷ Segundo

⁶³ MACHADO, Renato da Silva. **Cristologia como história**: um estudo sistemático-pastoral da cristologia de Bruno Forte. 117 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. p. 44.

⁶⁴ FORTE, 1985, p. 208.

⁶⁵ MACHADO, 2010, p. 44.

⁶⁶ FORTE, 1985, p. 209.

⁶⁷ MACHADO, 2010, p. 45.

Boff, “Jesus se entende como o proclamador e realizador deste Reino, pois Ele mesmo se sente parte essencial dele [...]”.⁶⁸

Torna-se, portanto, evidente que Jesus não começou pregando a si mesmo, mas o Reino de Deus. Este Reino, porém, não está totalmente além do tempo e do espaço, enquanto realidade inalcançável, mas já iniciou com a encarnação. Contudo, sua plenitude enquanto realização da plena esperança acontecerá no final dos tempos.⁶⁹

Ademais, a história do Nazareno, portanto, assemelha-se à tantas outras, sem desconsiderar sua peculiaridade e singularidade. Dentro da logicidade de uma existência histórica, Jesus encontra-se subordinado às categorias de tempo e espaço. Estas determinam de certa forma sua realidade terrena. Foi, neste sentido, uma história humana, repleta de alegrias e dores, de vida e morte.⁷⁰

Mas, diante de uma existência humana “normal”, inserida dentro de dimensões de tempo e espaço, a vida de Jesus diferencia-se porque tem uma pretensão de anunciar o Reino de Deus em palavras e obras. E, como se não bastasse, inaugurá-lo em sua própria pessoa. É uma história diversa, um convite radical à aceitação de sua proposta. Diante de uma simples história como qualquer outra, encontra-se o mistério de amor, o mistério de uma filiação divina em Jesus de Nazaré.⁷¹

Portanto, o homem de Nazaré não abdica de sua condição divina, mas aceita trilhar um caminho cuja centralidade está no anúncio do Reino de Deus. Cabe, porém, diante de um Deus que se tornou homem, questionar-se acerca de sua consciência: há nele uma consciência plena de sua missão?

2.2 O HOMEM DE NAZARÉ E SUA CONSCIÊNCIA

Tendo em vista o primeiro êxodo de Jesus, sua saída do Pai, rumo à vida humana, há de se questionar sobre a consciência que ele, o Filho, agora também humano, tem sobre sua missão. Tende-se, às vezes, a interrogar se ele teria, na encarnação, se esvaziado de sua condição divina ou se desde o início já teria consciência de sua missão. Portanto,

⁶⁸ BOFF, Leonardo. **A Trindade e a sociedade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. p. 44.

⁶⁹ BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo libertador**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1972. p. 65.

⁷⁰ FORTE, 1985, p. 211.

⁷¹ MACHADO, 2010, p. 45.

a fim de refletir tal questão, cabe ater-se inicialmente, conforme Bruno Forte, ao fato de que Jesus é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Este é um caminho possível para apurar aspectos de sua consciência.⁷²

Como aponta Machado, Forte evidencia o intuito da cristologia tradicional de salvaguardar a humanidade e a divindade de Cristo sob uma via descendente:⁷³ “[...] se Deus se fez homem, é necessário reconhecer nesse homem todas as perfeições possíveis consequentes à ‘união hipostática’”.⁷⁴

Neste sentido, esta percepção elucida ao lado do conhecimento divino um conhecimento humano, porém submisso ao primeiro. Tal pressuposto apresenta uma visão beatífica de Jesus, cujos conhecimentos seriam extraordinários e de ordem sobrenatural. Contudo, tal percepção tendia a negar a verdadeira humanidade do Nazareno, apresentando um Jesus “onisciente”, desconexo e distante, de certa forma, daquele apresentado nos evangelhos.⁷⁵

[...] um Jesus que cresce em “sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2,52), que ignora o dia do julgamento (cf. Mc 13,32 e Mt 24,36), como também fatos ordinários da vida (cf. por exemplo Mc 5,30-33)[...] mal se concilia com um Jesus “onisciente” [...] A ignorância e a finitude de Jesus dos evangelhos exigem a renúncia ao “princípio de perfeição” na explicação de sua ciência e também de sua consciência.⁷⁶

Em contrapartida, podem-se considerar as atribuições conferidas a Jesus de conhecimentos extraordinários, por exemplo, em João, a multiplicação dos pães (6,5ss), quando coloca Filipe à prova diante de uma situação quase sem solução, parecendo já saber como agiria; no lava-pés, quando disse saber aquele que o entregaria (Jo 13,11); em Mateus, quando já sabe o que Pedro ia dizer a ele, numa determinada situação (17,24-27). Vários relatos dos evangelhos permitem evidenciar um Jesus com conhecimentos extraordinários. Portanto, vê-se que para

⁷² MACHADO, 2010, p. 45.

⁷³ MACHADO, 2010, p. 46.

⁷⁴ FORTE, 1985, p. 212.

⁷⁵ MACHADO, 2010, p. 46.

⁷⁶ FORTE, 1985, p. 215.

aqueles que creem num Jesus puramente onisciente, bem como para aqueles que creem num Jesus que, progressivamente, toma consciência de si e da sua história, existem argumentos a partir dos relatos evangélicos para sustentá-los.⁷⁷

Porém, é preciso observar como já expressei, que os evangelhos não são uma biografia de Jesus, mas testemunhos de fé. Além disso, as primeiras comunidades releeram a vida de Jesus de Nazaré à luz da Ressurreição, que foi o ponto de partida para os textos do Novo Testamento.⁷⁸

Partindo do pressuposto de que se deve ir além de meras fundamentações evangélicas, Forte apresenta a consciência humana enquanto base da própria história. Segundo o autor, a consciência é a:

[...] tomada de posição no devir, é ‘situar-se’ no presente diante do passado em vista do futuro; assim sendo, para que haja história é necessário que haja consciência de si e daquilo em relação ao qual se toma posição.⁷⁹

Nesta compreensão, vê-se que a consciência encontra-se dentro do processo existencial e, por isso, é desenvolvida em diversos níveis. Ela vai sendo ampliada. Conforme a teoria de Mounier, a consciência inicia no perceber-se distinto dos outros, a experiência do tu, e depois quando se faz a experiência do nós e do eu. Portanto, é neste emaranhado existencial de situações, obscuridades e luzes que acontece a evolução histórica, e é a partir da consciência de si que se pode viver a liberdade.⁸⁰ Segundo Mounier, o outro não limita o eu, mas possibilita descobri-lo, bem como descobrir o nós. Na mesma perspectiva o tu é um pressuposto para a evolução do eu, permitindo-o elevar-se.⁸¹

Se Jesus tornou-se humano e se a progressividade da consciência faz parte da historicidade humana, logo se poderia afirmar que Ele vivenciou essa processualidade de consciência. E, para perscrutar esta interrogação teológica, Forte propõe centrar-se num mistério da vida de Jesus que evidencia uma peculiaridade, o uso da expressão “Abbá”.

⁷⁷ FORTE, 1985, p. 215.

⁷⁸ MACHADO, 2010, p. 47.

⁷⁹ FORTE, 1985, p. 216.

⁸⁰ MACHADO, 2010, p. 47.

⁸¹ MOUNIER. Emmanuel. **Introdução ao existencialismo**. Trad. João Bénard da Costa. São Paulo: Duas cidades, 1963. p. 162.

Esse termo não foi usado no Antigo Testamento para referir-se a Deus, por pressupor uma pertença filial biológica. Por isso, era um termo atribuído aos pais, na ordinariade da vida. No tempo de Jesus, tal atribuição pressuporia falta de respeito, por ser um termo muito familiar. Contudo, esta atribuição ao Pai, da parte do Filho, revela a íntima relação entre eles. Esse conhecimento foi, porém, progressivo, aos poucos adquirido através de suas experiências humanas, no seu relacionamento com o Pai.⁸²

Entretanto, este referir-se ao Pai com a expressão *Abbá*, ilustra uma objetiva proximidade entre Pai e Filho, que permite à tradição pós-pascal ver em Jesus aquele que, refletindo sobre o Deus dos profetas, perceber que este mesmo Deus era, além de seu Deus, seu Pai.⁸³

Diante destes pressupostos, faz-se necessário a consideração de Bruno Forte sobre a história do Homem de Nazaré:

[...] a história de Jesus foi marcada, como toda história humana, por um avanço progressivo em direção à luz de uma autoconsciência mais clara e de um conhecimento mais completo dos outros e de Deus. Esse crescimento interior teria sido alimentado, de um lado, pela intimidade dialogal, única e exclusiva, com o Pai, e de outro, pelo relacionamento diário com os homens, a começar por Maria, sua mãe, e pelo conhecimento da Escritura [...].⁸⁴

Portanto, segundo Machado, Forte evidencia uma progressividade em relação à consciência de Jesus enquanto Filho de Deus. Há, neste sentido, em Jesus, zonas de sombra que eram iluminadas, sobretudo em relação ao futuro. Mesmo sendo Filho de Deus, Jesus necessitava às vezes de esperar, refletir, orar, a fim de chegar a determinadas conclusões.⁸⁵ Jesus “[...] foi à montanha para orar e passou a noite inteira em oração a Deus”;⁸⁶ no Getsêmani: “E, indo um pouco adiante, prostrou-se com o rosto em terra e orou [...]”.⁸⁷

⁸² MACHADO, 2010, p. 47.

⁸³ BURROCCHI, 2011, p. 158.

⁸⁴ FORTE, 1985, p. 220-221.

⁸⁵ MACHADO, 2010, p. 48.

⁸⁶ Lc, 6,12.

⁸⁷ Mt 26,39.

Ademais, diante dos títulos cristológicos, há, entre eles, um que não é pós-pascal: Filho do Homem. Segundo Forte, este título é uma autodesignação autêntica de Jesus, porque aparece 69 vezes nos evangelhos sinóticos e 13 em João. O próprio conteúdo dos anúncios da paixão e a tradição sobre a última ceia salvaguardam este título. A tríplice profecia da paixão (Mc 8,31; 9,31; 10,33ss e paralelos), portanto, assegura uma certa precisão no destino do Filho do Homem, por pressupor com clareza a consciência de seu futuro.⁸⁸

Outro aspecto relevante no que se refere à consciência do Homem de Nazaré é sua autoridade. Ele apresenta-se sem medo, pois se vê mantenedor de uma autoridade capaz de posicionar-se diante de qualquer pessoa ou situação.⁸⁹

Recordemos apenas as seis antíteses do discurso da montanha: “Ouvistes o que foi dito aos antigos... Mas eu vos digo...” (Mt 5,21-48). Quem pronuncia essas palavras apresenta-se não apenas como intérprete legítimo da lei, mas também como aquele que ousa contrastá-la, por força de uma autoridade maior [...].⁹⁰

A partir destes pressupostos concernentes à consciência que Jesus tem de si e da sua história, abre-se caminho à reflexão de sua liberdade. Ele, sendo Deus e homem, diante de sua realidade, pode possivelmente escolher um caminho, mesmo que este necessitasse uma entrega total: a entrega de si mesmo.

2.3 A RADICAL LIBERDADE DO HOMEM DEUS

Bruno Forte, na reflexão acerca da história do homem de Nazaré, adverte a necessária e determinante pergunta sobre a liberdade de Jesus. Sendo Deus, teria liberdade para rejeitar o caminho apresentado nos evangelhos? Estaria ele fadado, devido sua condição divina, a vivenciar o desígnio salvífico do Pai através de sua entrega? Tais

⁸⁸ FORTE, 1985, p. 226-227.

⁸⁹ MACHADO, 2010, p. 48.

⁹⁰ FORTE, 1985, p. 229-230.

questionamentos, portanto, tornam-se imprescindíveis para delinear a existência do Filho do Homem.⁹¹

No III Concílio de Constantinopla, segundo Forte, estes questionamentos já foram respondidos. Afirmou-se que Jesus é dotado de vontade e liberdade humanas e, por isso, é um ser livre. Sendo livre, pode escolher seu futuro. Ele sendo humano, privou-se do pecado, e livremente decidiu dedicar-se inteiramente ao projeto de seu Pai, abdicando de qualquer situação de pecado.⁹²

A existência do Filho na carne humana revela uma vida de doação extrema, um caminho existencial cujo percurso culminará numa saída total de si em vista dos outros. Portanto, este caminho exodal elucida primeiro uma opção radical por Deus e, a partir disso, uma opção radicalmente livre pelo ser humano. O Filho doa-se ao Pai e à humanidade, em vista de sua salvação.⁹³

Neste sentido, Forte evidencia dois mistérios da vida de Jesus, situados no início e no final de sua vida pública que permitem perceber sua radical liberdade enquanto homem cuja vida foi totalmente livre,⁹⁴ as “[...] duas grandes agonias da liberdade: a agonia da tentação e a agonia do Getsêmani.”⁹⁵

Conforme Machado, muitas vezes lê-se estes dois momentos sob uma perspectiva meramente pedagógica, abdicando a possibilidade de que realmente Jesus teria sido provado, evitando, portanto, uma possível diminuição de sua perfeição. Desta forma, além de um sentido pedagógico aos discípulos, as tentações de Jesus revelam sua humanidade, sua possibilidade de escolha. Ele sofreu como qualquer ser humano, mas, foi fiel até o fim.⁹⁶

Sem dúvida, estes relatos são elaborados paralelamente com as tentações de Israel, no deserto. Os quarenta dias no deserto possuem um teor teológico, pois remetem aos quarenta anos do Êxodo.⁹⁷ Desta forma, três são as provas que Jesus é submetido, correspondendo ao povo eleito que caminha à terra prometida. Contudo, enquanto Israel deixa-se levar pelas tentações, Jesus permanece fiel. Entretanto, a

⁹¹ FORTE, Bruno. **Exercícios espirituais no Vaticano**: seguindo a ti, luz da vida. Trad. Francisco Morás. Rio de Janeiro: Vozes, 2005. p. 24.

⁹² FORTE, 1985, p. 243.

⁹³ FORTE, 2003, p. 57.

⁹⁴ FORTE, 1985, p. 246.

⁹⁵ FORTE, 2003, p. 57.

⁹⁶ MACHADO, 2010, p. 54.

⁹⁷ FORTE, 2005, p. 27.

tentação é a mesma, resistência ao plano divino, confiando em si mesmo do que no próprio Deus.⁹⁸

Na narrativa lucana, depois das tentações, o diabo (4,12) afastou-se de Jesus para retornar num tempo oportuno. Evidencia-se, desta forma, a constante luta de Jesus contra o diabo em todo o seu percurso terreno. No final de sua trajetória terrena, Jesus vivencia outra tentação, cuja resposta pressupunha total decisão: no ambiente do Getsêmani. Deveria diante de sua liberdade, salvar a própria vida ou perdê-la, escolher entre sua vontade ou a vontade de seu Pai.⁹⁹

“E, indo um pouco adiante, caiu por terra, e orava para que, se possível, passasse dele essa hora. E dizia: ‘Abba (Pai)! Tudo é possível para ti: afasta de mim esse cálice; porém, não o que eu quero, mas o que tu queres’”.¹⁰⁰

No sim de Jesus diante da vontade do Pai, há uma confiança total. A liberdade do Filho é a liberdade do amor. Na hora suprema, o Filho aceita radicalmente a via do amor sem reservas. Portanto, ele vive sua liberdade enquanto libertação total de si diante do Pai, mas também diante dos seres humanos.¹⁰¹

2.4 A SAÍDA DA PALAVRA DE SI SEM RETORNO NA PERSPECTIVA TRINITÁRIA DA CRUZ

Segundo Forte, na cruz se expressa o segundo êxodo de Jesus, o êxodo de si mesmo até a máxima solidão existencial. Eis o extremo da liberdade do homem de Nazaré. Esta reflexão pós-pascal, porém, surge de um processo de condenação. Diante do Sinédrio, Ele é um blasfemador (Mc 14,53-65) que, diante de sua vida pública, mereceu ser condenado à morte (Dt 17,12). Contudo, não recebeu a pena devida ao blasfemador, o apedrejamento (Lv 24,14), mas o castigo atribuído àqueles que se rebelavam contra o Império, a morte de cruz. Jesus, portanto, recebeu uma condenação política. Diante do poder romano

⁹⁸ FORTE, 2003, p. 58.

⁹⁹ FORTE, 2005, p. 29.

¹⁰⁰ Mc 14,35-36.

¹⁰¹ FORTE, 2003, p. 61.

morreu na cruz um mero subversivo, mas para a fé cristã, morreu o Filho de Deus, por amor.¹⁰²

Na paixão e morte expressa-se a autorevelação do Deus trinitário. Na cruz, a Trindade definitivamente estabelece sua relação de aliança com o ser humano. O amor divino é proclamado no silêncio da extrema agonia humana.¹⁰³

A perfeição do Deus cristão manifesta-se nas imperfeições, que por amor a nós ele assume: a finitude do sofrimento, a dilaceração do morrer, a fraqueza da pobreza, o cansaço e a escuridão do amanhã, são os lugares onde ele mostra seu amor, perfeito até a consumação total do presente.¹⁰⁴

Na cruz revela-se, além do Filho, o Pai que o ama e o Espírito que é o Amor. Na entrega que o Pai faz do Filho e que o Filho faz de si e do Espírito por amor aos seres humanos, na escuridão da sexta-feira santa, revela-se a grande dignidade do sofrimento humano. O Filho aceita o total sofrimento e nele proclama a vinda da Trindade. O sofrimento humano é acolhido e vivido pelo Filho, e é então redimido, recebendo verdadeira esperança.¹⁰⁵

Na cruz, segundo Forte, Tomás de Aquino encontra a suprema revelação da beleza. Na Palavra divina que se tornou carne, o Silêncio fez morada até o grito supremo da hora nona, a expressão máxima, o

¹⁰² FORTE, 2003, p. 62.

¹⁰³ ANDREOLLA, Jurema. **A fé cristã na era digital**: diálogo entre a revelação na teologia de Bruno Forte e a experiência religiosa na *internet*. 102 p. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós- Graduação em Teologia. Porto Alegre, 2012. p. 37.

¹⁰⁴ La perfezione del Dio cristiano si manifesta nelle imperfezioni, che per amore nostro egli assume: la finitudine del patire, la lacerazione del morire, la debolezza della povertà, la fatica e l'oscurità del domani, sono i luoghi dove egli mostra il suo amore, perfetto fino alla consumazione totale del dono. (FORTE, Bruno. **La perfezione di Dio nell'imperfezione dell'uomo**. Verso la Pasqua. 2016. Disponível em: <encurtador.com.br/iuyR4> Acesso em: 06 de maio de 2019) (Tradução nossa).

¹⁰⁵ FORTE, Bruno. **A teologia como companhia, memória e profecia**: introdução ao sentido e método da teologia como história. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 41.

êxtase divino do Deus enamorado de sua criatura. O Todo revela seu amor infinito no fragmento da carne.¹⁰⁶

Esta beleza é a trágica salvação do mundo. Segundo Forte, a tragicidade da vida apresenta-se tão evidente com suas dores e sofrimentos que nenhuma redenção poderia derivar de uma conciliação harmônica que se sobrepusesse ao escândalo do sofrimento do mundo. Por isso, só a beleza da cruz na fronteira entre o ser e o nada do existir poderia trazer a salvação.¹⁰⁷

Consciente de todo o seu percurso e de sua escolha fundamental, o Filho do Homem foi ao encontro da morte, deixando que o levassem de um lado para outro. Foi traído pelos seus e entregue aos adversários. “Judas Iscariot, um dos Doze, foi aos chefes dos sacerdotes para entregá-lo a eles”.¹⁰⁸

Narram os evangelhos que “[...] os chefes dos sacerdotes fizeram um conselho com os anciãos e os escribas do Sinédrio. E manietando a Jesus, levaram-no e entregaram-no a Pilatos”.¹⁰⁹ “Depois de ter feito flagelar Jesus, entregou-o para que fosse crucificado”.¹¹⁰ Diante desta trama de ódio, o Nazareno continua consciente de sua escolha.¹¹¹

2.5 A PERSPECTIVA DA ENTREGA NA TRINDADE

O abandono e a solidão do Nazareno deixam-no aflito; está fadado à morte injusta, como inúmeros seres humanos dentro da história da humanidade. Mas, a comunidade nascente, à luz da experiência pascal, une as trágicas entregas anteriores a outras três entregas decisivas e fundamentais no percurso da Palavra desolada.¹¹²

A primeira é a entrega que a Palavra faz de si mesma. O Filho entregou-se ao seu Pai por amor à humanidade. Nesta entrega, a Palavra Crucificada assume todo pecado e sofrimento do mundo, desde seu início até seu fim. Exila-se de Deus para assumir o exílio dos pecadores e enfim reconciliá-los. O grito da Palavra ferida e agonizante expressa o

¹⁰⁶ FORTE, Bruno. **A porta da beleza**: por uma estética teológica. Trad. Afonso Paschotte. São Paulo: Ideias e Letras, 2006. p. 39.

¹⁰⁷ FORTE, Bruno. **Teologia em diálogo**: para quem quer e para quem não quer saber nada disso. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 2002. p. 76-77.

¹⁰⁸ Mc 14,10.

¹⁰⁹ Mc 15,1.

¹¹⁰ Mc 15,11.

¹¹¹ FORTE, 1985, p. 284.

¹¹² FORTE, 2003, p. 63.

total exílio assumido para perscrutar a dor e o sofrimento do mundo e levá-lo à reconciliação com o Pai.¹¹³ “Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?”¹¹⁴

Deve-se considerar, ao lado desta primeira entrega, outra que é ulterior e final: a entrega que faz o Pai. Ele entrega seu próprio Filho.¹¹⁵ Paulo afirma aos Romanos que o Pai “[...] não poupou o próprio Filho, mas o entregou por todos nós”.¹¹⁶ Forte evidencia a forma passiva encontrada no texto referente à entrega feita pelo Pai: “O Filho do Homem será entregue às mãos dos homens e eles o matarão [...]”.¹¹⁷

É necessário considerar o abandono do Pai. Esta é a dor mais profunda que o Filho sofre, tendo em vista que, na cruz, a comunhão entre eles parece acabada. O Pai parece estar terrivelmente distante. Este sentimento de tantos sofredores e oprimidos é vivenciado pelo próprio Filho. É esta total solidão e afastamento que, paradoxalmente, evidencia a insondável unidade entre eles. Se o Filho não sofresse na cruz pelo abandono de seu Pai não seria realmente Filho, e se da mesma forma o Pai não sofresse pela distância de seu Filho, não poderia ser considerado Pai.¹¹⁸

A cruz é a expressão finita, no sinal do contrário, do acontecimento da vida infinita que se desenvolve no seio de Deus: por isso ela é a humilde porta que abre aos homens o mundo de Deus, é a Porta dos Humildes, que desvela, ao que se faz pobre, o mistério das fontes eternas.¹¹⁹

Na entrega que o Pai faz da Palavra agonizante, revela-se a profundidade de seu amor à humanidade. O Pai participa da história da cruz, mostrando sua misericórdia. Portanto, a entrega do Pai e a entrega do Filho revelam, indubitavelmente, o amor divino que transforma definitivamente a história humana.¹²⁰

¹¹³ FORTE, 2003, p. 63.

¹¹⁴ Mc 15,34.

¹¹⁵ FORTE, 1985, p. 286.

¹¹⁶ Rm 8,32.

¹¹⁷ Mc 9,31; além destas, outras constatações cuja posição do Filho é passiva: 10,33; Mc 14,41; Mt 26,45.

¹¹⁸ FORTE, 1985, p. 289.

¹¹⁹ FORTE, 1985, p. 289-290.

¹²⁰ FORTE, 2003, p. 64.

O amor paternal é totalmente manifesto, o Pai sofre por amor. Conforme Forte, da mesma forma que o Pai teve em seus braços a Palavra ferida e sem vida, assim também terá sempre em seus braços todas as histórias das vidas humanas, independente do pecado e da morte.¹²¹

Segundo Forte, o Pai sofre ativamente, porque une seu sofrimento ao de seu Filho. A Trindade sofre na cruz: o Pai que oferece o Filho, este que se oferece e o Espírito que é o amor emanado do sofrimento. Portanto, a cruz é a história do amor trinitário de Deus pelo mundo.¹²²

Neste sentido, sendo história do Pai e do Filho, a cruz é também história do Espírito. Ele é sacrificialmente entregue. Conforme o Evangelista João; “E, inclinando a cabeça entregou o espírito”.¹²³ Forte lembra a Carta aos Hebreus, que apresenta o Filho que oferece todo seu ser ao Pai: “[...] quanto mais o sangue de Cristo que, pelo Espírito eterno, se ofereceu a si mesmo a Deus como vítima sem mancha [...]”.¹²⁴ Desta forma, segundo Forte, a Palavra Crucificada entrega ao Pai o Espírito que dele recebeu, e que lhe será dado em plenitude na Ressurreição.¹²⁵

[...] a Sexta-Feira Santa, dia da entrega que o Filho faz de si mesmo ao Pai e que o Pai faz do Filho à morte pelos pecadores, é o dia em que o Espírito é entregue pelo Filho a seu Pai, para que o Crucificado fique abandonado, longe de Deus, em companhia dos pecadores. É a hora da morte em Deus [...].¹²⁶

Portanto, na cruz, a dor do homem de Nazaré une-se às dores de toda a humanidade. A cruz evidencia o encontro do Abandonado com os abandonados da história por amor. A solidão do Filho torna-se, portanto,

¹²¹ FORTE, Bruno; BO, Vincenzo; FROZINI, Giordano et al. **Magia e sagrado:** resposta às perguntas mais provocadoras. Trad. Maria do Rosário Pernas. São Paulo: Paulus, 2000. p. 128.

¹²² FORTE, 2005, p. 68.

¹²³ Jo 19,30.

¹²⁴ Hb 9,14.

¹²⁵ FORTE, 2003, p. 65.

¹²⁶ FORTE, 2003, p. 65.

a maior dor existencial da história da humanidade, porque concentra em si toda a dor e sofrimento do mundo.¹²⁷

Diante do percurso percorrido pela Palavra rumo à solidão da cruz, vê-se um contínuo êxodo de si: o Nazareno progressivamente doa-se até a entrega total. Não só ele, mas o Pai e o Espírito são participantes do mistério da cruz porque não abandonaram o Filho. A Trindade habita a cruz e nela ressignifica toda a história da humanidade.

Por isso, abre-se ao ser humano uma nova perspectiva existencial, pois do silêncio pode-se ouvir a Trindade. Este segundo êxodo, portanto, permitirá outro: a Palavra sairá da morte, e permitirá, através do Espírito, que o discípulo possa participar da experiência exodal, numa perspectiva de amor-comunhão, na vida cotidiana, em comunidade.

¹²⁷ FORTE, Bruno. **Piccola introduzione alla vita cristiana**. Milano: San Paolo, 1995. p. 70.

3 O RETORNO DA PALAVRA PARA O PAI E O TRÍPLICE ÊXODO DO DISCÍPULO

Numa perspectiva exodal, a Palavra percorreu um tríplice êxodo. Saiu do Pai, saiu de si e saiu da morte para a ressurreição. Contudo, há um sentido para tal façanha. A Palavra saindo do Pai permite à humanidade o acesso à sua origem, o mistério do Silêncio. Diante desse movimento, como se não bastasse, o Filho evidencia na carne assumida o amor do Pai pelo ser humano.

Na cruz, a Palavra definitivamente interrompe a história dos seres humanos com a divina. Há um entrelaçamento de histórias. O Filho, pelo Pai, no Espírito, garante gratuitamente a vida plena à humanidade. Não um simples existir, mas uma existência carregada de sentido, de esperança, de amor. Saindo totalmente de si o Filho rasga a cortina da desesperança e instaura uma nova existência.

Neste sentido, o último êxodo da Palavra é a volta para o Pai. Ela retorna à sua origem. O Espírito faz ressoar todos os seus passos e ensinamentos na história humana. Caberá, indubitavelmente, a todo e qualquer ser humano que seja atraído pela possibilidade dessa nova existência, aceitá-la, assumi-la e, portanto, vivenciá-la.

A vivência exodal da Palavra será luz para a vida do discípulo. Bruno Forte proporá, à luz do tríplice êxodo da Palavra, o tríplice êxodo do discípulo. Este, na simplicidade e nas contradições do existir, é convidado a percorrer na história os passos do Senhor da história. Ser discípulo é, portanto, vivenciar a exodalidade, conforme o Filho amado do Pai, na força do Espírito.

3.1 A EXPERIÊNCIA PASCAL

A ressurreição é o núcleo da fé cristã. Ela é o fundamento de toda a história dos cristãos e, portanto, permite interpretar os passos do Nazareno, conferindo-lhes um significado novo. Se não houvesse a ressurreição, toda a desenvoltura de Jesus não passaria de uma prática compassiva, contudo, de um homem cujas ações chegaram à prática da subversão. Um utópico subvertido atraente aos olhos de muitos.¹²⁸

Não obstante, na ressurreição, Deus manifesta à história humana um evento cuja proporção supera toda e qualquer expectativa. Jesus é constituído Senhor e Cristo. Seu senhorio subjaz, portanto, na profissão

¹²⁸ FORTE, 1985, p. 87-88.

de fé diária das experiências comunitárias. Como afirma Machado,¹²⁹ no culto invoca-se a vinda do Senhor (Ap 22,20); celebra-se “[...] a morte do Senhor até que ele venha”,¹³⁰ tendo em vista que toda língua deve professar que ele é Senhor (Fl 2,11). Paulo possui consciência da centralidade da ressurreição na vida comunitária: “E, se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia também é a vossa fé”.¹³¹ Neste sentido, o querigma das comunidades primitivas pauta-se na ressurreição de Jesus dentre os mortos:

Sabeis o que aconteceu por toda a Judeia: Jesus de Nazaré, começando pela Galileia, depois do batismo proclamado por João, como Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder; e ele passou fazendo o bem e curando a todos os que estavam dominados pelo diabo, porque Deus estava com ele. E nós somos testemunhas de tudo o que fez na região dos judeus e em Jerusalém, ele, a quem no entanto mataram, suspendendo-o ao madeiro. Mas Deus o ressuscitou ao terceiro dia [...].¹³²

Portanto, o senhorio confere-se devido à vitória sobre a morte da parte do Filho pela força paternal, conforme lembram os Atos dos Apóstolos: “Saiba, portanto, com certeza, toda a casa de Israel: Deus o constituiu Senhor e Cristo, este Jesus a quem vós crucificastes”.¹³³

Paulo, no mesmo sentido afirma: “Porque, se confessares com tua boca que Jesus é Senhor e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo”.¹³⁴ Machado ainda insiste na pressuposição indispensável de que a aceitação do anúncio exige deixar-se guiar pelo Espírito (1Cor 12,3), e negá-lo seria, portanto, a não aceitação do Filho e do próprio Pai.¹³⁵

Ademais, conforme assinala Forte, a ressurreição sustenta Jesus enquanto o Cristo, aquele que se tornou Senhor da Vida. Diante do abandono do Filho na cruz, instaura-se a comunhão da ressurreição. A

¹²⁹ MACHADO, 2010, p. 72.

¹³⁰ 1Cor 11,26.

¹³¹ 1Cor 15,14.

¹³² At 10,37-40.

¹³³ At 2,36.

¹³⁴ Rm 18,9.

¹³⁵ MACHADO, 2010, p. 72-73.

morte do Filho no amor torna-se o fim da própria morte; e dessa forma Ele retorna à sua origem gloriosa.¹³⁶

A cruz, portanto, é a via de acesso do homem para a Pátria eterna:

[...] a morte em Deus pelo mundo da Sexta-Feira Santa vem a ser a Páscoa na vida em Deus do mundo; o êxodo de si do Filho até a morte se transforma no êxodo do Filho para o Pai, e do mundo junto com Ele, na ressurreição [...] um é o Deus trinitário que age na cruz e na ressurreição, uma a história trinitária de Deus; um o plano de salvação que se realiza nos dois momentos.¹³⁷

Neste sentido, para Forte, instaura-se uma estrutura que supera a bipolaridade de duas histórias desconexas entre si. A história do Crucificado não está aquém da história do Ressuscitado, porque juntas constituem uma única história, daquele que, pelo Pai, na força do Espírito, foi constituído Senhor¹³⁸ e Cristo.¹³⁹

Portanto, para Forte, conforme apresenta Machado, da afirmação que Jesus é Senhor e Cristo podem-se concluir algumas considerações. Inicialmente, que o Vivente enfim ressignificou a história humana porque imergiu na história dos homens a história divina e, através do

¹³⁶ FORTE, 2003, p. 68.

¹³⁷ FORTE, 2003, p. 68.

¹³⁸ Neste sentido, o termo Senhor (Kyrios), refere-se à entronização do Filho do Homem bem como sua majestade no fim dos tempos (cf. Mt 7,21-22; 24-42; 25, 11-12.31-45). Este título pressupõe um significado escatológico-soteriológico, porque se refere àquele que na plenitude dos tempos virá, a fim de trazer o julgamento e a salvação. Além disso, se deduz que o nome hebraico *adonai*, usado no lugar de *Iahweh* era traduzido para o grego da diáspora por Kyrios. No Novo Testamento é evidente a utilização deste termo divino relacionado com a invocação e confissão de fé (cf. At 2,21; Rm 10,9; 1Cor 1,2; 2Tm 2,22. Além destas, pode-se verificar na forma aramaica originária *Maranatha*, 1Cor 16,22 e Ap 22,20). Entretanto, o termo Cristo, que significa Messias, Ungido, no sentido da espera do povo de Israel do Messias, possui um caráter também soteriológico-escatológico, porque evoca a manifestação de Deus na história e a realização de suas promessas (FORTE, 1985, p. 91-92).

¹³⁹ FORTE, 1985, p. 91.

mistério da cruz, permitiu que toda a história humana pudesse abrigar-se e acessar o divino.¹⁴⁰

Não que haja uma dissolução da história divina na história dos homens, mas, uma proximidade tamanha capaz de permitir, pressupondo a liberdade de cada pessoa, o acesso à pátria celeste apresentada pelo Filho. Por isso, os títulos de Senhor e Cristo evidenciam à comunidade humana a abertura da Trindade em vista da salvação, através da ressurreição de Jesus Cristo.¹⁴¹

3.2 A INICIATIVA DO RESSUCITADO

A morte na cruz daquele que se dizia Filho de Deus deixou os discípulos desiludidos. Mas, estes mesmos desiludidos foram surpreendidos com a experiência de um encontro. Este momento permitiu perceber que Jesus saiu da morte e irá instaurar o que prometera. Como apresenta Lucas, nos Atos dos Apóstolos: “Ainda a eles, apresentou-se vivo depois da paixão, com muitas provas incontestáveis: durante quarenta dias apareceu-lhes e lhes falou do que concerne o Reino de Deus”.¹⁴²

Vê-se, conforme Forte, nos relatos evangélicos dos encontros do Ressuscitado com os discípulos, desarmonias e equívocos no que se refere à precisão geográfica e cronológica, contudo, há uma estrutura em comum nas aparições,¹⁴³ características afins. Primeiro, a constante iniciativa do Ressuscitado, depois, o processo de reconhecimento de sua presença, além disso, a percepção da missão advinda da consciência da continuidade do processo instaurado pelo Homem de Nazaré.¹⁴⁴

Por isso, aquele que fora anunciador do Reino de Deus torna-se conteúdo do anúncio dos discípulos. Tem início, portanto, diversas manifestações literárias acerca do evento salvífico, pressupondo sempre a processualidade compreensiva das comunidades primitivas; textos que salvaguardam a ressurreição, enquanto exaltação do Pai, bem como narrativas da ascensão.¹⁴⁵

¹⁴⁰ MACHADO, 2010, p. 73.

¹⁴¹ MACHADO, 2010, p. 73.

¹⁴² At 1, 3.

¹⁴³ No que se refere às aparições, cita Forte: Tradições paulinas (1Cor 15,5-8); de Marcos (16,9-20); de Mateus (28,9-10.16-20); de Lucas (24,13-53) e, finalmente, João (20,14-29.21) (FORTE, 2003, p. 69).

¹⁴⁴ FORTE, 2003, p. 69.

¹⁴⁵ MACHADO, 2010, p. 73-74.

Vê-se que não subjaz nas experiências dos primeiros cristãos um fator preponderantemente subjetivo, enquanto criação psicológica da presença do Ressuscitado. Houve um dado objetivo, Ele apareceu; não foi uma produção psíquica. Contudo, como já exposto, não se deve excluir a processualidade da compreensão sobre a ressurreição da comunidade das origens. Foi e é necessário que haja abertura dos discípulos para aceitar a novidade do Ressuscitado.¹⁴⁶

A dúvida progressivamente começa a ser sanada, à medida que existe abertura à Pessoa do Filho; isso apresenta o itinerário dos discípulos de Emaús: “Então seus olhos se abriram e o reconheceram [...]”.¹⁴⁷

Por isso, presume-se necessariamente uma perspectiva subjetiva, porque a iniciativa do Ressuscitado pressupõe a liberdade do receptor; a fé não se submete unicamente à racionalidade; mas ao seu lado possibilita a recepção consciente do mistério que livremente apresenta-se. Portanto, a objetividade para ser apreendida precisa de uma abertura, que é subjetiva.¹⁴⁸

Ademais, a experiência advinda da iniciativa do Ressuscitado é, indiscutivelmente, uma experiência transformadora, porque impulsiona à missão aos confins de toda a terra. A transformação verifica-se no portar-se daqueles que outrora medrosos – diante do crucificado e morto na cruz que se dizia Deus – tornam-se corajosos, a fim de anunciar este mesmo morto, porém agora um ser definitivamente Vivente.¹⁴⁹

A experiência pascal é identificada por Forte no livro *A essência do cristianismo* enquanto “[...] uma dupla identidade na contradição [...]”.¹⁵⁰ Mas, em outro livro, *Exercícios espirituais no Vaticano: seguindo a ti, luz da vida*, Forte acrescenta outra identidade: “É a experiência – hoje como naquele tempo – de uma tríplice *identidade na contradição*”.¹⁵¹

No primeiro livro mencionado, Forte apresenta a primeira identidade conferida a Jesus enquanto Cristo ressuscitado e o humilhado

¹⁴⁶ FORTE, 2005, p. 91.

¹⁴⁷ Lc 24,31.

¹⁴⁸ FORTE, 2005, p. 91.

¹⁴⁹ FORTE, 2005, p. 91.

¹⁵⁰ FORTE, 2003 p. 71.

¹⁵¹ FORTE, 2005, p. 92, (Grifo do autor).

crucificado. Quanto à segunda identidade, atribui-se aos discípulos, dos medrosos fujões da cruz às testemunhas corajosas da Ressurreição.¹⁵²

No segundo livro, Forte conserva a ideia das duas primeiras identidades já expostas, mas introduz uma terceira. Esta diz respeito às testemunhas do Ressuscitado e aqueles a quem se anuncia, a fim de que também sejam anunciadores. Ora, crer naquele que outrora fora morto e crucificado e que agora vive gloriosamente permite ao discípulo superar o medo e a desilusão, tornando-se corajoso. Esta coragem impele-o ao anúncio deste Cristo a outras pessoas, permitindo-os, crendo neste anúncio, uma nova vida oferecida por Jesus.¹⁵³

Além disso, neste mesmo livro, Forte discorre acerca do tríplice êxodo e, sobre o terceiro diz:

Este terceiro êxodo do Filho do Homem nos lembra que o cristianismo não é a religião do triunfo do negativo, mas é e permanece, apesar de tudo e contra tudo, a religião da esperança e que, portanto, os cristãos, [...] são aqueles que têm no coração o Eterno e, por isso, continuam a propor a paixão pela verdade salvífica como sentido da vida e da história de todos.¹⁵⁴

Machado, à luz da ótica forteana, vê na Páscoa a história do Filho, e ao mesmo tempo vê a história humana ressignificada pela sua manifestação. Vê-se, portanto, em Jesus, o passado, o presente e o futuro. Primeiro, em relação ao passado, confirma-se a pretensão pré-pascal de ser o Filho de Deus; depois, no presente, Ele se manifesta como o Vivente; e, por fim, apresenta-se como aquele que virá em breve para instaurar definitivamente seu Reino, na perspectiva do futuro.¹⁵⁵

Relê-se o passado a partir da ressurreição. Se o Filho instaura os tempos últimos, é porque desde o início já existia. Já o presente é visto pela comunidade nascente enquanto a plenitude dos tempos, onde se instaura o início de um novo caminho cuja trajetória pauta-se nos mesmos passos de Cristo. Quanto ao futuro, é interpretado pela

¹⁵² FORTE, 2003, p. 71.

¹⁵³ FORTE, 2005, p. 92.

¹⁵⁴ FORTE, 2005, p. 94.

¹⁵⁵ MACHADO, 2010, p. 79.

comunidade enquanto vivência do já e do ainda não;¹⁵⁶ “entre a primavera e o verão da salvação”.¹⁵⁷

O já acima referido remete ao Reino que através da Ressurreição é enfim instaurado e o ainda não remete ao fim dos tempos, à volta do Senhor. Contudo, entre o já e o ainda não se encontra o tempo intermediário, dito por Bruno Forte como o tempo da Igreja; tempo de espera, mas também e, sobretudo, tempo da missão, sustentada pelo Espírito.¹⁵⁸

3.3 A MEMÓRIA SUSTENTADA NO ESPÍRITO¹⁵⁹

Na perspectiva econômica da salvação a Pessoa do Espírito é a primeira a manifestar-se na história da humanidade, só a partir dela a Pessoa do Filho tornou-se humana. Ademais, na ótica exodal refletida por Forte, entre o êxodo de Jesus para o Pai e o êxodo do discípulo em vista da pátria celeste, verifica-se a missão específica do Espírito. Este de forma imprescindível atualiza a missão do Filho. Sem sua presença vã seria a missão do Filho; com o tempo seria ineficaz e seria relegada ao passado.¹⁶⁰

Conforme apresenta Machado, o encontro com o Ressuscitado só é possível a partir do Espírito. Ele, conforme as narrativas das primeiras comunidades possibilita a contemporaneidade do Filho, porque rememora seus passos. E, da mesma forma que pelo Espírito o Filho veio ao mundo e depois da morte voltou à vida, assim também o ser humano poderá percorrer o caminho da cruz até a ressurreição.¹⁶¹ Paulo adverte acerca da missão indispensável do Espírito na vida do Filho e na vida humana em vista da ressurreição:

Se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos dará vida também a

¹⁵⁶ FORTE, 1985, p. 310-313.

¹⁵⁷ FORTE, 1985, p. 313.

¹⁵⁸ FORTE, 1985, p. 313.

¹⁵⁹ Não se tem a pretensão de apresentar sistemática e historicamente reflexões sobre o Espírito Santo; antes, quer-se expor alguns pressupostos sobre Ele, a fim de que se possa, dentro de uma perspectiva trinitária, refletir o tríplice êxodo de Jesus.

¹⁶⁰ FORTE, 2003, p. 86.

¹⁶¹ MACHADO, 2010, p. 91.

vossos corpos mortais, mediante o seu Espírito que habita em vós.¹⁶²

O Espírito não deve ser confundido com o Pai, nem com o Filho. Mesmo que haja só uma ação trinitária na ótica imanente da salvação, não se justifica a confusão entre as Pessoas trinitárias. O Espírito não é a Palavra, contudo permite acessá-la. O Espírito não é o Silêncio, mas o anunciador daquilo que ouviu da Palavra nos eternos silêncios divinos, e direciona os crentes ao futuro da pátria vindoura.¹⁶³

Segundo Forte, a Palavra situa-se entre dois silêncios, o Silêncio da origem, e o Silêncio vindouro, do Espírito. A Palavra permite o acesso primeiro ao Pai, a fim de que este seja ouvido, sem romper, ao mesmo tempo, com seu mistério. Da mesma forma permite o acesso ao Espírito, em vista de uma nova vida; e o mesmo Espírito a atualiza e a faz ressoar. O Espírito é, portanto, o silêncio vivo onde habita a Palavra, ao mesmo tempo em que se faz hóspede no coração humano.¹⁶⁴

Forte recorre a algumas passagens bíblicas a fim de evidenciar a novidade do Espírito. Conforme lembra Atos dos Apóstolos: “Exaltado pela direita de Deus recebeu do Pai o Espírito Santo, objeto da promessa, e o derramou”.¹⁶⁵ O Paráclito é o Espírito de Cristo (Rm 8,9; Fl 1,19) e o Espírito do Filho (Gl 4,6).¹⁶⁶

O Espírito é Aquele que permite a comunhão entre os membros de Cristo, que é a Igreja; Ele é o vínculo indispensável e essencial de unidade (1Cor 12,4) e, além disso, o dispensador do amor trinitário ao ser humano. Nesta perspectiva, cabe relembrar a ideia agostiniana já apresentada nesta pesquisa, acerca da implicância imanente de cada Pessoa na Trindade:

[...] o Espírito Santo é apreendido nas profundezas divinas como o amor dado pelo Amante e recebido do Filho, e outro do Filho porque recebido do Pai, um só em comunhão com Eles por ser amor dado e recebido na unidade do processo do eterno amor [...].¹⁶⁷

¹⁶² Rm 8,11.

¹⁶³ FORTE, 2003, p. 86.

¹⁶⁴ FORTE, 2003, p. 86.

¹⁶⁵ At 2,33.

¹⁶⁶ FORTE, 1985, p. 327.

¹⁶⁷ FORTE, 2003, p. 87.

Esta implicância trinitária permite evidenciar a propriedade própria do Espírito. É Aquele que une o Amante (Pai) ao Amado (Filho) e Aquele que em relação aos dois distingue-se. Ora, à luz da teologia trinitária agostiniana, Forte supõe a ideia de que o Espírito procede principalmente do Pai, mas ainda assim do Filho, pelo dom do Pai que permite ao Filho tamanha ação. O Espírito então procede do Pai e do Filho, enquanto Amor eterno dentro da relação estabelecida entre Eles.¹⁶⁸

Para Agostinho, o Pai e o Filho são o único princípio do Espírito Santo; ele adverte à ideia de pressupor dois princípios. Neste sentido, de forma análoga, assim como o Pai e o Filho, diante da criação são um só Deus, assim também, no que se refere ao princípio do Espírito, são um só. Ao mesmo tempo, diante da criação, Agostinho também diz que o Pai, o Filho e o Espírito são um só princípio.¹⁶⁹

Nesta mesma percepção, segundo Burocchi, o Espírito é o elo de amor entre o Pai e o Filho; contudo, ao mesmo tempo, é o que garante a distinção entre eles. Na cruz, ao morrer, o Filho devolve ao Pai o Espírito e neste instante evidencia-se a abismal diferença entre Pai e Filho. Contudo, mesmo que o Filho tenha morrido, ainda assim o Pai e o Espírito não o abandonaram. Portanto, a comunhão trinitária perdurou, assim como perdura desde a eternidade. Misteriosamente, mesmo na morte do Filho, há comunhão.¹⁷⁰

Segundo o Catecismo da Igreja Católica:

Na humanidade de Cristo, portanto, tudo deve ser atribuído à sua pessoa divina como ao seu sujeito próprio; não somente os milagres, mas também os sofrimentos, e até a morte [...].¹⁷¹

À luz do Catecismo,¹⁷² verifica-se que a morte do Filho não se refere simplesmente à sua natureza humana, mas à sua Pessoa enquanto Filho de Deus, enquanto verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Ora, se toda a humanidade, inclusive a morte deve ser atribuída à pessoa divina,

¹⁶⁸ FORTE, 2003, p. 88.

¹⁶⁹ AGOSTINHO DE HIPONA, 2014, p. 209; De Trinitate V,15.

¹⁷⁰ BUROCCHI, 2011, p. 172.

¹⁷¹ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000. p. 132; CIC 468.

¹⁷² CATECISMO..., p. 132; CIC 468-469.

o Filho de Deus misteriosamente morreu através de sua natureza humana pela salvação da humanidade. Contudo, mesmo na morte não fora abandonado pelo Pai e pelo Espírito, porque a comunhão trinitária é eterna.

Ademais, o Espírito é dom; dom de quem dá ou se dá e, na mesma perspectiva, dom da acolhida, de quem recebe. O Pai, de forma ativa dá seu amor ao Filho e, este, na acolhida, dá de forma passiva ao Pai o mesmo amor. O Espírito é o amor dado e recebido na comunhão do Pai e do Filho, advindo de ambos, mesmo que na processão se deva considerar a ulterioridade originária do Pai, de onde tudo vem, não abdicando, contudo, a participação do Filho, possibilitada graças ao Pai.¹⁷³ “O cristão comunica o Espírito antes de tudo através da palavra vivida e falada [...] ele possui a Palavra, ou melhor, é possuído pela Palavra [...] graças à unção do Espírito”.¹⁷⁴

Esse Amor é também dinâmico e criador. Esta dinâmica imanente é, portanto, sublinhada na economia da Trindade, porque permite a contínua abertura à novidade; é o Espírito que dinamiza a Trindade e que enfim dinamizará a vida comunitária, desde os tempos dos primeiros discípulos até o fim dos tempos. O amor dinâmico e criativo da Trindade implicará necessariamente a comunidade dos crentes e sua missão. Ele, portanto, sustenta a memória da comunidade eclesial a fim de que continue a percorrer o caminho iniciado pelo Filho.¹⁷⁵

3.4 A IGREJA DO AMOR EXODAL

Como exposto anteriormente, a Trindade permite compreender o que é a Igreja, porque é sua fonte. Como afirma Burocchi, se se parte do pressuposto de que a Igreja, formada por cristãos cujas personalidades são distintas, é uma comunhão de irmãos, então se deve perceber que há na Igreja um paradigma estritamente trinitário, porque cada cristão, dentro de sua individualidade, torna-se dom de si para o outro, e, na mesma medida, acolhida grata do dom do outro, na liberdade e gratuidade do amor. A Igreja é esse corpo, constituído por inúmeros membros, porém interligados e unidos pelos laços trinitários.¹⁷⁶

¹⁷³ BUROCCHI, 2011, p. 175.

¹⁷⁴ FORTE, Bruno. **A missão dos leigos**. Trad. Ângelo Lucas Caravina. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 47.

¹⁷⁵ BUROCCHI, 2011, p. 176.

¹⁷⁶ BUROCCHI, 2011, p. 176.

Assim [o Pai] estabelece congregar na Santa Igreja os que creem em Cristo. Desde a origem do mundo a Igreja foi prefigurada. Foi admiravelmente preparada na história do povo de Israel e na antiga aliança. Foi fundada nos últimos tempos. Foi manifestada pela efusão do Espírito.¹⁷⁷

A Constituição dogmática *Lumen Gentium* postula um novo sentido eclesial: “a Igreja vem da Trindade: o universal desígnio salvífico do Pai (LG 2), a missão do Filho (LG 3), a obra santificante do Espírito (LG 4) edificam a Igreja como *mistério*”.¹⁷⁸ Por isso, a Igreja é essencialmente trinitária e jamais poderá ser reduzida às meras coordenadas históricas, porque sua fonte e origem estão além do visível. A Igreja existe para imitar o êxodo trinitário em constante ato de amor e acolhida das pessoas que desde sempre foram amadas pela Trindade.¹⁷⁹

Burocchi, referindo-se a esta ideia apresentada por Forte, lembra que, por ser a Trindade fonte e origem da Igreja, esta deve necessariamente ser e viver a comunhão, dentro dos percalços próprios da história humana. Ela é, portanto, verdadeiro sacramento de Cristo e os sacramentos por ela administrados e dispensados são sinais do amor de Deus que quer encontrar-se com o ser humano na história.¹⁸⁰

A Igreja, sob a novidade do Concílio Vaticano II, postula uma nova concepção eclesiológica, através da categoria Povo de Deus; cuja base de unidade da participação se encontra no batismo. Por isso, o que torna alguém membro legítimo da Igreja, independente do ministério que se possa exercer é o batismo.¹⁸¹

O batizado, portanto, à luz do Concílio Vaticano II, segundo Forte,

¹⁷⁷ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. 30. ed. Rio de Janeiro: Vozes, c. 2014. p. 37-117. p. cit. 37; LG 1.

¹⁷⁸ FORTE, Bruno. **A Igreja ícone da Trindade**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 9.

¹⁷⁹ FORTE, 2005, p. 11.

¹⁸⁰ BUROCCHI, 2011, p. 250.

¹⁸¹ BUROCCHI, 2011, p. 251.

[...] seja qual for o carisma recebido e o ministério exercitado – é, sobretudo, o *homo christianus*, aquele que, mediante o batismo foi incorporado a Cristo (cristão, de Cristo) ungido pelo Espírito (Cristo, de *chrìo*= ungido), por isso constituído povo de Deus. Isto significa que todos os batizados são Igreja [...].¹⁸²

Ora, batiza-se em nome da Trindade. “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo [...]”.¹⁸³ Esta fórmula evidencia uma relação profunda entre o batizado e as Pessoas divinas. O Pai age da mesma forma que agiu na Ressurreição de seu Filho, invade o coração humano e acolhe o recém-batizado enquanto filho no Filho, com o poder de seu Espírito.¹⁸⁴

Esta comunhão dos batizados, porém, funda-se na história através do evento Pascal. Ela começa a ser solidificada a partir da busca de elementos das experiências vividas e relatadas com o Filho, e na percepção de que se começa a viver um novo modo de relação com Deus. Somente depois da morte e da ressurreição os discípulos percebem que estavam de certa forma já envolvidos nesse grande mistério, que é a Igreja. E estes elementos, contíguos à efusão do Espírito em Pentecostes, instaura definitivamente o mistério da Igreja no seio da história humana.¹⁸⁵

A Igreja enquanto mistério trinitário é gerada pela Eucaristia e geradora da Eucaristia.¹⁸⁶ A missão da Igreja, que se funda nas missões do Filho e do Espírito, é a de ser presença real do Ressuscitado, anunciando o amor do Pai, através de gestos e palavras, mas, sobretudo

¹⁸² FORTE, 2005, p. 31.

¹⁸³ Mt 28,19.

¹⁸⁴ FORTE, Bruno. **L’acqua della vita – il battesimo e la bellezza di Dio:** lettera pastorale per l’anno 2007-2008. p. 4. Disponível em: <encurtador.com.br/vCEPX>. Acesso em: 02 jun. de 2019.

¹⁸⁵ BUROCCHI, 2011, p. 252.

¹⁸⁶ Segundo Forte a celebração da Eucaristia conduz o fiel ao próprio coração de Deus, que é Trindade de amor. Por isso, na Eucaristia vive-se a experiência com o Pai, o Amante, com o Filho, o Amado e com o Espírito, Amor que os une. Dá-se graças ao Pai, Aquele que sempre toma a iniciativa de amor, a fim de na mesma gratuidade amá-lo e amar os irmãos (FORTE, Bruno. **Por quê ir à missa ao domingo?** A Eucaristia e a beleza de Deus. Trad. Adérito Lourenço Louro. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2012. p. 17).

através da caridade, pressupondo os inúmeros carismas.¹⁸⁷ Segundo Forte: “[...] a variedade dos dons e carismas exprime a unidade, fundada no mesmo Espírito e único Senhor, e vive no diálogo da caridade [...] à imagem do diálogo eterno do Pai, do Filho e do Espírito”.¹⁸⁸

Conforme o pensamento de Forte, a Igreja, enquanto comunidade de homens pode, além disso, ser concebida enquanto comunidade dos amados, porque todos são filhos do mesmo Pai. Portanto, se “Deus criou o homem à sua imagem [...]”,¹⁸⁹ e se Deus é Trindade – relação afetiva e amorosa entre Pessoas que são distintas – a vida dos seres humanos deve, na mesma perspectiva, ser uma vida amorosa, pressupondo a personalidade e individualidade de cada membro. A vida humana à luz da ótica trinitária, deve ser comunitária.¹⁹⁰

Por isso, ser Igreja é ser comunidade comprometida com a vida. Ora, se a Palavra encarnou-se, entrando em contato e vivendo em meio às maiores contradições da história até a morte, assim também a Igreja necessariamente deverá viver, fazendo-se presente em todas as situações humanas, sobretudo onde a vida está à beira da morte, para ser sinal da ressurreição no hoje da história.¹⁹¹ Nas palavras de Forte: “Se o Deus da Igreja viveu plenamente a condição humana, a Igreja de Deus não poderá agir como expectadora da história, fugindo dos sofrimentos dos homens”.¹⁹²

Portanto, diante de todas as situações de dor e miséria a Igreja não poderá permanecer distante, mas antes, fazer-se presente no amor e na solidariedade, não com suplência, mas sabendo que deve ser luz às mais difíceis situações existenciais. A Igreja não poderá solucionar as situações sociais políticas e econômicas dos seres humanos. Mas, não pode se esquecer de sua origem trinitária, e por isso deve comprometer-se com o cuidado da vida, na perspectiva do êxodo e da comunhão.¹⁹³

¹⁸⁷ BUROCCHI, 2011, p. 254.

¹⁸⁸ FORTE, Bruno apud BUROCCHI, 2011, p. 254.

¹⁸⁹ Gn 1,27.

¹⁹⁰ BUROCCHI, 2011, p. 256-257.

¹⁹¹ FORTE, 2005, p. 124.

¹⁹² FORTE, 2005, p. 124-125.

¹⁹³ FORTE, 2005, p. 125.

3.5 O TRÍPLICE ÊXODO DO DISCÍPULO¹⁹⁴

A centralidade da fé cristã pode ser encontrada de forma concisa no tríplice êxodo de Jesus, apresentado pelo teólogo Bruno Forte. Contudo, diante da crise de sentido, instaurada pelo Iluminismo e reflexões posteriores, como se pode, dentro da ótica da fé, salvaguardar e atualizar a vida do Nazareno? Ou, de que forma portar-se diante das ideologias que procuram abarcar toda a “verdade”, sendo um discípulo do Amor?

Bruno Forte não tem a pretensão de solucionar as crises atuais, nem mesmo impor à humanidade uma “verdade” opressora que queira sufocar a liberdade de qualquer ser humano. Quer, antes de tudo, humildemente apresentar, à luz dos passos do Filho de Deus, um jeito simples e possível, arraigado na vivência trinitária da comunhão, de viver a fé, em meio aos percalços e desilusões, comum a todo ser humano. Este método, portanto, é um tríplice êxodo.

3.5.1 Primeiro êxodo: sair de si e abandonar-se no Pai

O discípulo encontra-se dentro de uma determinada situação histórica, não está desconexo da vida social, mas antes é por ela influenciado. Por isso, Forte procura relembrar o contexto causado também devido à corrente iluminista, determinante para o mundo atual. Para o teólogo italiano, o Iluminismo, movimento que se difundiu progressivamente, pode ser identificado pelo termo de “emancipação”. Ora, subjaz neste movimento reflexivo, a ideia de que o homem deve tornar-se maduro, livre de qualquer intervenção divina; ser autônomo, senhor de si e, portanto, de sua própria história. Eis a cobiça instaurada pela modernidade, emancipar-se, tornar-se adulto, clarear tudo o que parece escuro, à luz da razão.¹⁹⁵

A pretensão do espírito humano de abarcar racionalmente toda a realidade contribuiu para o surgimento das ideologias, que são visões totalitárias do mundo. Quer-se, nesta perspectiva, impor à luz da razão toda a realidade. Ao lado das pretensões ideológicas, alia-se a ideia de uma sociedade “sem pais”, porque a relação paternal pressupõe

¹⁹⁴ FORTE, 2003, p. 106-107.

¹⁹⁵ FORTE, Bruno. **Para onde vai o cristianismo?** São Paulo: Loyola, 2003. p. 81.

dependência e esta implica a não-emancipação. Da mesma forma, a ideia de Deus que pressupõe um Pai universal, começa a ser rejeitada.¹⁹⁶

Contudo,

A experiência dos totalitarismos, das atrocidades da guerra, da ambiguidade da técnica, mostrou que a história da emancipação pode tornar-se tragicamente história de novos ídolos, de novas e mais cruéis alienações.¹⁹⁷

Mas, é nesse contexto de desilusão e derrota que perscruta no coração do homem a sempre nova possibilidade de retorno à divindade. Possivelmente, as tentativas de assassinatos da figura de Deus podem ter contribuído para uma purificação cristã, mas jamais poderão desqualificá-lo, ou relegá-lo ao esquecimento. Para Forte, habita no coração humano o contínuo desejo de buscar Aquele que fora esquecido; a presença trinitária no ser dos homens é presença dinâmica, que procura, na medida em que há abertura, conduzi-los à verdade de si mesmos.¹⁹⁸

Portanto, diante desta realidade posta pela modernidade e mesmo, quaisquer realidades que se apresentem, o discípulo é convidado a pôr, antes de qualquer coisa ou circunstância, Cristo em primeiro lugar, enquanto centralidade do coração, sentido de sua vida; considerando-se discípulo do Único, o Deus apresentado por Jesus.¹⁹⁹

Em suma, entregar-se a esse Deus que sempre toma a iniciativa no amor e nunca deixará de fazê-la. Viver verdadeiramente como discípulo é tê-lo como único Mestre, respondendo sempre a seu chamado ao amor, assim como fez seu Filho, Jesus Cristo.²⁰⁰ Crer no Deus de Jesus Cristo é ser um peregrino na escuridão, iluminado pela esperança em suas promessas, é ser guiado pela estrela de sua redenção. Ser discípulo é, portanto, peregrinar de forma esperançosa, acreditar no Silêncio dentro de uma sociedade de tantas vozes iluministas.²⁰¹

¹⁹⁶ FORTE, 2003, p. 14.

¹⁹⁷ FORTE, 1985, p. 12.

¹⁹⁸ FORTE, 1985, p. 12.

¹⁹⁹ FORTE, 2003, p. 109.

²⁰⁰ FORTE, 1995, p. 9.

²⁰¹ FORTE, Bruno. **Dalla notte alla luce**: una lettura teologica. (Convegno dell'Associazione Card. Tardini, Chieti, Seminario Regionale, 15 di novembre 2015;

Por isso, da mesma forma que Jesus viveu o êxodo do Pai, mas permanecendo em seu misterioso Silêncio, estritamente ligado a Ele, compartilhando seu existir, assim também o discípulo que responde ao chamado “[...] vem e segue-me”,²⁰² é convidado a permanecer escondido nele, no seu misterioso Silêncio.²⁰³

O discípulo do Único, portanto, é aquele que assim como o Filho, entrega-se totalmente ao Pai, coloca Nele a primazia e o sentido de sua existência. Desta forma, o primado da fé revela-se enquanto o primeiro êxodo do discípulo; abandonar-se à sua verdade e ao seu amor.²⁰⁴

A existência de fé é portanto um contínuo receber a própria vida das mãos do Pai [...] É este êxodo que nos faz livres de nós mesmos, livres das seduções da posse e da busca obsessiva de seguranças humanas.²⁰⁵

A fé, na compreensão forteana, exige um completo sair-se de si mesmo em direção do Outro. Crê aquele que aceita iniciar um itinerário rumo ao Pai e aceita sem reservas suas proposições. Em suma, crer não pressupõe a entrega de algo, mas de todo o existir; só um coração aberto é capaz de desprender-se e caminhar rumo à pátria.²⁰⁶

Da dependência do Pai brota a percepção da própria relatividade de si e do universo. Nada pode se sobrepor diante do inefável amor do Pai que rompe qualquer expectativa ou vitória humana, tudo, diante Dele, é relativo. Portanto, a finalidade do discípulo jamais será anunciar a si mesmo, mas Aquele no qual se pode abrigar e esperar.²⁰⁷

3.5.2 Segundo êxodo: sair de si e amar como o Filho

Conforme assinala Vanassi, a caridade é o segundo passo no caminho exodal do discípulo. A saída do Filho de si sem retorno na cruz é o maior ato de amor e como tal exemplo último para o discípulo. A

Conclusione degli esercizi spirituali del Clero, Oasi dello Spirito, 20 novembre 2015). Disponível em: <encurtador.com.br/qyCI4> Acesso em: 04 jun. 2019.

²⁰² Mt 19,21.

²⁰³ FORTE, 2003, p. 109.

²⁰⁴ VANASSI, 2007, p. 40.

²⁰⁵ FORTE, 2003, p. 110.

²⁰⁶ FORTE, 1991, p. 55.

²⁰⁷ FORTE, 2003, p. 111-112.

caridade faz-se indispensável, sobretudo nos tempos atuais, cujas perspectivas são estritamente individualistas e calculistas.²⁰⁸

Assim como Deus amou o ser humano por pura gratuidade, da mesma forma o ser humano, abdicando qualquer relação interesseira, motivado simplesmente pela alegria do amor – enquanto doação sem reservas – pode vivenciar esse êxodo de si mesmo.²⁰⁹ “Se Deus assim nos amou, devemos, nós também, amar-nos uns aos outros”.²¹⁰

Por isso, os discípulos:

[...] anunciam Cristo sobretudo vivendo o êxodo de si mesmos sem retorno, seguindo o exemplo dele, solidários especialmente com os mais fracos e os mais pobres dos seus companheiros de caminhada, dos quais Ele se fez próximo.²¹¹

Forte adverte acerca de muitos seres humanos que não estão imersos na cultura iluminista, no sentido da emancipação, aqueles que se encontram no avesso da história.²¹² Milhares de seres humanos que vivem em situação de miséria, nos porões da história, vivendo os maiores sofrimentos humanos.²¹³ De certa forma, a origem das situações de misérias e injustiças correspondem à má administração do ser humano diante da criação, entendendo-se erroneamente seu dono. Por isso, a não abertura ao outro e o “amor” a si mesmo geram estruturas de pecado, cujo um dos maiores frutos é a injustiça, fonte de morte.²¹⁴

Neste sentido, faz-se necessário, conforme apresenta Forte, lembrar que o próprio Deus foi subversivo. A história de Israel, que é a história do Êxodo, é, em suma, a história das intervenções divinas diante das injustiças. Seu próprio Filho proclamou-se enviado para “[...] evangelizar os pobres, [...] para proclamar a libertação aos presos e aos

²⁰⁸ VANASSI, 2007, p. 41.

²⁰⁹ FORTE, 1995, p. 19.

²¹⁰ 1Jo 4,11.

²¹¹ FORTE, 2003, p. 112.

²¹² O termo “avesso da história” pertence a Gustavo Gutierrez, teólogo latino-americano, que inspirou o pensamento da Teologia da Libertação (FORTE, 1991, p. 26).

²¹³ FORTE, 1991, p. 27.

²¹⁴ FORTE, Bruno. **Por quê confessar-se?:** A reconciliação e a beleza de Deus. Trad. Adérito Lourenço Louro. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2012. p. 8-9.

cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor”.²¹⁵

Mas, diante da Ressurreição do Nazareno considerado subversivo, manifesta-se o poder incondicional da libertação. Deus intervém na história a fim de libertar o ser humano de todas as formas de injustiças. Eis a tarefa do discípulo, viver a caridade no cuidado com as vidas mais vulneráveis, daqueles que permanecem desfigurados devido as mais variadas expressões de egoísmo.²¹⁶

Portanto, ser discípulo exige relativizar qualquer coisa que se apresente enquanto grandeza para o mundo; o discípulo deve abdicar todas as glórias do mundo e, arriscar-se na caridade, de tal forma a, se necessário, carregar a cruz em vista do outro, a exemplo do Outro.²¹⁷

3.5.3 Terceiro êxodo: sair de si e abrir-se ao Espírito Santo

Os cristãos são convidados a testemunharem o sentido da vida e da história a todos aqueles que se encontram à margem da desilusão, no vazio do existir. Diante das inúmeras manifestações de desamor, ódio, mortes, o discípulo, seguindo seu Mestre, deve irromper a desilusão da ausência de sentido e propor o reencontro com a Verdade que liberta.²¹⁸

Por isso, deve-se resgatar a paixão pela verdade revelada por Cristo, tendo consciência da condição de peregrinos, rumo à pátria celeste. Contudo, o preço a pagar pelo anúncio do Sentido do existir está além do próprio existir particular. A fidelidade ao anúncio pressupõe a renúncia de si mesmo.²¹⁹

Outra característica indispensável para o discipulado é a virtude da esperança. Não enquanto simples atitude de espera, mas dom ativo e eficaz, capaz de ressignificar as intempéries existenciais. “A esperança da ressurreição é ressurreição da esperança. Ela dá vida a tudo o que é prisioneiro da morte”.²²⁰ Neste sentido, a meta instaurada por Jesus ao discípulo enquanto peregrino, rumo à pátria, não é utopia alienante, ou afastamento do real, mas força propulsora à justiça, empenhando-se na

²¹⁵ Lc 4,18; cf. Is 61,1-2.

²¹⁶ FORTE, 1986, p. 21.

²¹⁷ FORTE, 2003, p. 114-115.

²¹⁸ VANASSI, 2007, p. 43.

²¹⁹ FORTE, 2003, p. 116.

²²⁰ FORTE, 2003, p. 116.

solidariedade, no cuidado ecológico,²²¹ bem como nas mais variadas urgências do mundo atual.²²²

O ser cristão, contudo, não poderá alienar-se a ideologias:

[...] o cristão não poderá identificar a sua fé com nenhuma ideologia, força político-partidária ou sistema, mas de todos eles deverá ter consciência crítica, lembrança da origem e da destinação última, estímulo para se promover o ser humano integral em todo ser humano, segundo o projeto do Pai.²²³

Entretanto, a alegria do discípulo é um sinal profético diante do mundo fragilizado pela desesperança. A alegria do cristão não nasce de uma pretensão egoísta, mas da ressurreição do Homem de Nazaré, bem como dá certeza da eficácia do seu Espírito que rege todo aquele que se sente peregrino.²²⁴ Segundo o papa Francisco, “A ALEGRIA DO EVANGELHO enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus”.²²⁵

O pontífice adverte que um dos perigos atuais é a tristeza individualista, e quando o ser humano se fecha em si mesmo, sem alegria e esperança não há espaço para os outros e nem para Deus.²²⁶ Por isso, a alegria do discipulado deve despertar a curiosidade entre os desesperançosos, a fim de que possam, através do testemunho do discípulo, abrirem suas consciências e corações para Aquele que neles já habita.²²⁷

Desta forma, participar do tríplice êxodo de Jesus é ser um vocacionado enamorado e esperançoso. Eis um possível caminho

²²¹ Nas palavras de Francisco: “A ecologia humana é inseparável da noção de bem comum, princípio este que desempenha um papel central e unificador na ética social [...]. O bem comum pressupõe o respeito pela pessoa humana enquanto tal, com direitos fundamentais e inalienáveis orientados para o seu desenvolvimento integral”. (FRANCISCO. **Carta Encíclica *Laudato Si'***. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015. p. 94-95; LS 156-157).

²²² VANASSI, 2007, p. 43.

²²³ FORTE, 2003, p. 116-117.

²²⁴ FORTE, 2003, p. 118.

²²⁵ FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013. p. 9; EG 1.

²²⁶ FRANCISCO, 2013. p. 9; EG 2.

²²⁷ VANESSI, 2007, p. 43.

àqueles que possuem a coragem e a audácia de abdicarem não só de suas seguranças, mas, sobretudo de si mesmos, perscrutando as misteriosas manifestações da Trindade na história da humanidade. A Divina Comunhão manifestou-se no seio imperfeito e frágil dos seres humanos por pura gratuidade, por amor. O Deus Trinitário em Jesus saiu de si mesmo em vista da salvação dos homens. A estes, portanto, resta, dentre tantos caminhos, aquele cujo percurso imita o tríplice êxodo do Filho.²²⁸

²²⁸ FORTE, 2003, p. 119.

CONCLUSÃO

Depois deste percurso teórico, compreende-se o sentido do tríplice êxodo de Jesus na perspectiva trinitária de Bruno Forte. Para este teólogo, a história humana é, através da manifestação trinitária, revestida de significado, porque a própria história divina – na ótica da economia da salvação – irrompeu na humana.

O Filho, segunda Pessoa da Trindade, percorreu um caminho cuja centralidade encontra-se no amor misterioso da Trindade que encontra a humanidade. Na gratuidade Deus manifesta-se aos seres humanos e, na liberdade, estes são convidados a corresponderem com o mesmo amor, não só a Deus, mas nele também aos irmãos, habitantes comuns na história.

Por isso, para tornar visível este amor, o Filho enquanto Palavra Eterna abdica de sua condição divina e vem até o seio da humanidade, tornando-se também humano, sem, contudo, deixar de ser divino. Este ser, cujas vontades divina e humana o direcionaram ao amor extremo, na progressividade da autoconsciência, percebe que possui uma origem, o Silêncio paternal. A Palavra, portanto, comunica o incomunicável, torna visível o invisível, direciona a humanidade para o Pai.

Eis a atitude da Palavra ao sair do Pai. Não o subtrai, mas anuncia-o. Sem ela não se teria acesso ao Silêncio, mas, sem este, ela não poderia existir. Por isso há uma reciprocidade tamanha entre Pai e Filho, pressupondo a pessoalidade de ambos, sem, contudo, distingui-los essencialmente. Este elo é o próprio Espírito, Terceira Pessoa da Trindade, que com o Pai e o Filho instaura o reinado de um Deus amor.

A partir deste êxodo, progressivamente a Palavra inicia outro êxodo – na medida em que adquire de forma gradual maior consciência de sua missão – a saída constante de si em vista do outro. No Filho subjaz, portanto, uma total liberdade, doa-se totalmente à missão conferida pelo Pai a ele. O Filho escolhe o caminho do amor consciente de suas implicações. E, no extremo de sua liberdade no amor, entrega-se ao Pai por obediência e amor à humanidade, morrendo na cruz. O Filho dá ao Pai seu Espírito.

Contudo, o Filho morto na cruz é ressuscitado pelo Pai através de seu Espírito. Eis o terceiro êxodo de Jesus, a volta para o Pai. Na ressurreição vive-se este êxodo, porque Jesus sai da situação de morte e volta à vida, não um simples viver, mas aquele que ressignificará toda e qualquer existência. E, se a Palavra no primeiro êxodo comunica o Pai, no último comunica o Espírito. Este não está distante da Palavra, mas

intimamente ligado a ela e ao Pai. O Espírito atualiza o som da Palavra no meio da comunidade. Ele é a força motora do viver comunitário.

Ser comunidade é viver o mistério trinitário que é a Igreja. Nela, cada um na sua pessoalidade e individualidade vive na unidade em vista do Reino. Mesmo diante das decepções ou dificuldades, deve-se perceber que a Igreja é, antes de tudo, pensada por Deus, tem origem divina. É composta, portanto, por aqueles que aceitam trilhar um itinerário de amor, pelos discípulos do Amor.

Ainda à luz do tríplice êxodo de Jesus, Bruno Forte apresenta o tríplice êxodo do discípulo. Este processo exodal do discípulo apresenta-se enquanto possibilidade de superação de uma estrutura existencial egoísta e individualista, cujo fruto é em última instância a morte. Esta proposta forteana associa-se às virtudes teológicas: fé, esperança e caridade. Ademais, o primeiro passo deste êxodo é tornar-se discípulo unicamente do Senhor, fazer-se pequeno, entregando-se totalmente ao Pai, assim como fez o Filho.

Esta atitude pressupõe a própria relatividade de si e da mundanidade, abdicando as estruturas desiguais e injustas, bem como suas artimanhas, colocando-se totalmente dependente do Pai, vendo-o enquanto Senhor do existir. Este êxodo implica, portanto, a virtude da fé.

Alia-se neste percurso o segundo êxodo, indispensável para a vida do discípulo. A saída de si mesmo sem retorno. Neste sentido, a virtude da caridade deve ser a maior característica do discípulo. Diante de uma sociedade às vezes incrustada em interesses individualistas, gerando desigualdades e desamor à vida, Bruno Forte sustenta o óbvio, porém sempre atual na vida cristã, que é o distintivo da caridade.

Assim como o Filho na cruz entregou-se por inteiro em vista de assegurar o reinado do amor instaurado na história dos homens, assim também o discípulo é convidado a abdicar de seus interesses próprios a fim de sustentar a vida do outro às vezes à mercê das estruturas de morte. Este exercício é diário, mas necessário.

Destarte, o último percurso do processo exodal do discípulo é o testemunho do Sentido último. Este sentido refere-se ao mistério trinitário instaurado definitivamente através da Pessoa do Filho na vida humana. Atualmente verificam-se inúmeras agressões à vida, chegando-se a assassinatos e suicídios. Ora, é dever do discípulo ajudar as pessoas desiludidas a redescobrirem a paixão pela verdade de Cristo. Esta atitude, portanto, só é possível através da virtude da esperança. Pela graça do Espírito, o discípulo salvaguarda as promessas de Cristo, a fim de anunciá-las às pessoas.

Não se tem a pretensão de conferir uma tarefa impossível ao discípulo, num sentido utópico, mas antes, de forma concreta, convidá-lo a testemunhar verdadeiramente o Sentido do existir. O testemunho é fermento no coração daqueles que às vezes querem abdicam de suas vidas.

Portanto, diante do intuito de compreender o tríplice êxodo de Jesus enquanto centralidade da fé cristã, na perspectiva trinitária de Bruno Forte, enquanto possibilidade de orientação para a vida do discípulo, verifica-se o cumprimento de tal intento.

Quer-se, entretanto, diante do percurso vivenciado na construção desta pesquisa, evidenciar a satisfação de estudar Bruno Forte, que com humildade e profundidade possibilita àqueles que se debruçam em sua obra, encontrarem-se não com pressuposições abstratas sem sentido, mas exposições profundas e complexas sobre a Pessoa de Jesus bem como sobre a Trindade. Por isso, as leituras realizadas serão motivações para futuras leituras do mesmo autor.

Ademais, no que se refere à obra de Bruno Forte, existe um emaranhado de possibilidades de reflexões, nas mais diversas áreas da Teologia. Contudo, enquanto novas pesquisas a partir desta, destacam-se: aprofundar o tríplice êxodo do discípulo, possivelmente estabelecendo uma reflexão acerca do testemunho do Sentido enquanto possibilidade de superação da efervescência de suicídios, sobretudo entre os jovens; ainda, relacionar o tríplice êxodo do discípulo enquanto expressão das virtudes teológicas, com a perspectiva de uma Igreja “em saída”, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*; refletir numa ótica eclesiológica acerca do Povo de Deus enquanto discípulos da unidade trinitária; estabelecer uma relação entre os livros de Bruno Forte e Ludwig Feuerbach, ambos intitulados *A essência do cristianismo* a fim de evidenciar os pressupostos e argumentações primárias de cada autor.

Portanto, na humildade própria de discípulo, que reconhece a relatividade de si, esta pesquisa conclui-se sabendo de sua brevidade, ao mesmo tempo em que reconhece a profundidade teológica que dela pode emanar. Peregrinar rumo à pátria celeste, na gratuidade do amor exodal, isto é percorrer o tríplice êxodo de Jesus.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO DE HIPONA. **A Trindade**. Trad. Agostino Belmonte. São Paulo: Paulus, 2014.

ANDREOLLA, Jurema. **A fé cristã na era digital**: diálogo entre a revelação na teologia de Bruno Forte e a experiência religiosa na *internet*. 102 p. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Teologia. Porto Alegre, 2012.

ARCIVESCOVO. S.E. Rev.ma Mons. Bruno Forte. Disponível em: <encurtador.com.br/bJRW6>. Acesso em: 05 mar. de 2019.

ATANÁSIO DE ALEXANDRIA. **A encarnação do Verbo**. Trad. Orlando Tiago L. R. Mendes. São Paulo: Paulus, 2002.

BESEN, José Artulino. **História da Igreja**: da idade apostólica aos nossos tempos. 2. ed. Florianópolis: Mundo e Missão, 2012.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BINGEMER, Maria C. L. Um Deus para ser amado: algumas reflexões sobre a doutrina trinitária em Karl Rahner. **Perspectiva Teológica**. Belo Horizonte, n. 98, p. 125-141, jan./abril.

BOFF, Leonardo. **A Trindade e a sociedade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

_____. **Jesus Cristo libertador**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

BUROCCHI, Aurea Marin. **Ética e estética na teologia trinitária de Bruno Forte**. 323 p. Tese (Doutorado) – Departamento de Teologia, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2011.

_____. Deus Trindade. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 10, n. 26, p. 522-537, abr./jun. 2012.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 30. ed. Rio de Janeiro: Vozes, c. 2014. p. 37-117.

CORBELLINI, Vital. A importância da Encarnação do Verbo em São Gregório de Nissa. **Cadernos Patrísticos**, Florianópolis: Itesc, v.5, n.9, p. 101-112, 2010.

DURRWELL, François-Xavier. **O Pai**: Deus em seu mistério. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1990.

FORTE, Bruno. **A essência do cristianismo**. Trad. Ephraim Alvez. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

_____. **A Igreja ícone da Trindade**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **A missão dos leigos**. Trad. Ângelo Lucas Caravina. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1986.

_____. **A porta da beleza**: por uma estética teológica. Trad. Afonso Paschotte. São Paulo: Ideias e Letras, 2006.

_____. **A Trindade como história**. São Paulo: Paulinas, 1987.

_____. **A teologia como companhia, memória e profecia**: introdução ao sentido e método da teologia como história. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1991.

_____. **Dalla notte alla luce**: una lettura teologica. (Convegno dell'Associazione Card. Tardini, Chieti, Seminario Regionale, 15 di novembre 2015; Conclusione degli esercizi spirituali del Clero, Oasi dello Spirito, 20 novembre 2015). Disponível em: <encurtador.com.br/qyCI4> Acesso em: 04 jun. 2019.

_____. **Exercícios espirituais no Vaticano**: seguindo a ti, luz da vida. Trad. Francisco Morás. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

_____. **Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história**: ensaio de uma cristologia como história. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Paulinas, 1985.

_____. **L'acqua della vita – il battesimo e la bellezza di Dio:** lettera pastorale per l'anno 2007-2008. p. 4. Disponível em: <encurtador.com.br/bruCM>. Acesso em: 02 jun. de 2019.

_____. **La perfezione di Dio nell'imperfezione dell'uomo.** Verso la Pasqua. 2016. Disponível em: <encurtador.com.br/iuyR4> Acesso em: 06 de maio de 2019.

_____. **Para onde vai o cristianismo?** São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **Piccola introduzione alla fede.** Milano: Paoline, 1992.

_____. **Piccola introduzione alla vita cristiana.** Milano: San Paolo, 1995.

_____. **Por quê confessar-se?:** A reconciliação e a beleza de Deus. Trad. Adérito Lourenço Louro. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2012.

_____. **Por quê ir à missa ao domingo?** A Eucaristia e a beleza de Deus. Trad. Adérito Lourenço Louro. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2012.

_____; BO, Vincenzo; FROZINI, Giordano et al. **Magia e sagrado:** resposta às perguntas mais provocadoras. Trad. Maria do Rosário Pernas. São Paulo: Paulus, 2000.

_____. **Maria, a mulher ícone do mistério.** Trad. Belôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1991.

_____. **Maria di Nazaret:** vergine, madre e sposa. 2012. Disponível em: <encurtador.com.br/nqAR1>. Acesso em: 10 jun. 2019.

_____. **Nos caminhos do uno:** metafísica e teologia. Trad. Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2005.

_____. **Teologia da história:** ensaio sobre a revelação, o início e a consumação. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. **Teologia em diálogo:** para quem quer e para quem não quer saber nada disso. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **Trindade para ateus**. São Paulo: Paulinas, 1998.

FRANCISCO. **Carta Encíclica *Laudato Si'***. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015.

_____. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

MACHADO, Renato da Silva. **Cristologia como história: um estudo sistemático-pastoral da cristologia de Bruno Forte**. 117 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

_____. O ser humano e o mistério amoroso de Deus: a contribuição de Karl Rahner para a reflexão hodierna sobre a experiência de Deus. **Revista de Cultura Teológica**. São Paulo. n 81, p. 115-131, jan/ jun. 2013.

MEIRA, Cláudia F. D. **A ética da transcendência na teologia de Bruno Forte**. 84 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MOUNIER, Emmanuel. **Introdução ao existencialismo**. Trad. João Bénard da Costa. São Paulo: Duas cidades, 1963.

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. **O amante, o amado e o amor: breves reflexões sobre o Deus de Jesus**. São Paulo: Paulus, 2017.

RAHNER, Karl. **O dogma repensado**. São Paulo: Paulinas, 1970.

ROSA, Clésio U. da. A Trindade na perspectiva da história da Salvação. **Revista Caminhando**. São Paulo, v. 3, n. 2, p. 53-62, 2010. p. 55. Disponível em: <encurtador.com.br/iltNQ>. Acesso em: 14 mar. 2019.

SESBOÛÉ, Bernard; WOLINSKI, Joseph. **História dos dogmas: o Deus da salvação, a tradição, a regra de fé e os símbolos, a economia da salvação, o desenvolvimento dos dogmas trinitário e cristológico**. São Paulo: Loyola, 2002. v. 1.

VANASSI, Volnei J. **Êxodo e advento**: encontro de alteridades na teologia de Bruno Forte. 144 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

VIAN, Ludinei M. **O silêncio de Deus diante do sofrimento humano na teologia de Bruno Forte**. 108 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.